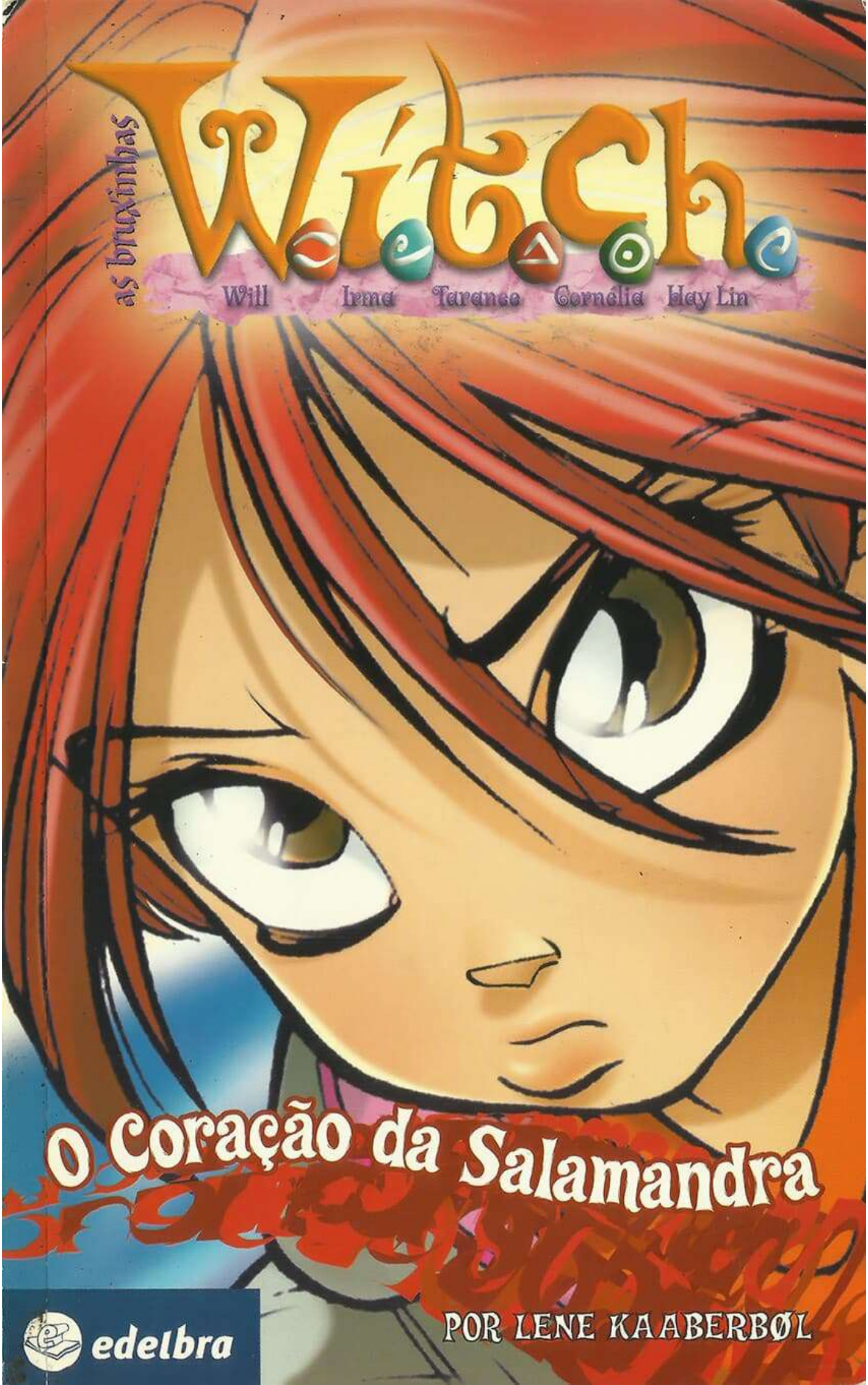
as bruxinhas

W.i.t.c.h.

Will Irma Taranee Cornélia Hay Lin



O Coração da Salamandra

POR LENE KAABERBØL

edelbra

W.i.t.c.h.

Witch

O Coração da Salamandra

Lene Kaaberbol

Prólogo

Uma vez, há muito tempo, quando o universo era jovem. espíritos e criaturas viviam sob o mesmo céu.

Havia apenas um mundo, apenas um vasto reino. regido pela harmonia da natureza. Mas o mal entrou no mundo e encontrou o seu lugar nos corações e mentes dos espíritos e das criaturas, e o mundo despedaçou-se em muitos fragmentos. O reino de dividiu entre aqueles que desejavam a paz e aqueles que viviam para ganhar poder sobre os outros e causar-lhes dor.

Para guardar e proteger o que havia de bom nos mundos, a poderosa fortaleza de Kandrakar foi erguida no meio do infinito.

Lá, uma congregação de espíritos e criaturas poderosas mantém vigilância; o líder deles é o Oráculo. Sua sabedoria é muito necessária; às vezes, Kandrakar é tudo o que impede o mal de entrar onde não deveria.

Há também o Véu. Uma barreira preciosa entre o bem e o mal, guardada por garotas improváveis.

Irma tem poder sobre a água.

Taranee pode controlar o fogo.

Cornélia tem todos os poderes da terra.

Hay Lin mantém a leveza e a liberdade do ar.

E Will, a Guardiã do Coração de Kandrakar, protege um poderoso amuleto no qual todos os elementos da natureza encontram-se para se tornar a mais pura energia.

Juntas eles são as W.I.T.C.H. - as cinco Guardiões do Véu. E o universo precisa delas....

Capítulo 1

A noite em que conheci Danny Nova pareceu, era a princípio, uma noite muito comum.

- Mãe? - gritei, jogando minha mochila de ginástica no corredor. - Estou em casa.

Ninguém respondeu. O apartamento estava vazio. Bem, isso não era incomum. Minha mãe trabalha para uma empresa. de informática chamada *Simultech*, e eles a mantêm bem ocupada.

No geral, estou orgulhosa da minha mãe. Ela é muito boa em seu trabalho. E mesmo que ela esteja tão ocupada, fazemos muitas coisas juntas. Normalmente, ela até entende o que é ter quatorze anos. No que diz respeito às mães, acho que ela é ótima. Acontece que, às vezes... voltar para casa e encontrar um apartamento vazio fica meio cansativo.

Eu estava no treino de natação. Meu cabelo ainda estava úmido e cheirava a cloro, e eu queria algo diferente do refrigerante morno que tomei no caminho

para casa. Acendi as luzes da cozinha, peguei algumas fatias de pão e fui até a torradeira.

A geladeira pigarreou.

- *Aham... Senhorita Will?*

Não sei se sua geladeira alguma vez fala com você. O minha faz isso o tempo todo. Tem acontecido assim desde que descobri que era uma Guardiã do Véu. Meu elemento é a energia e tenho uma relação especial com qualquer coisa elétrica.

- Sim, James? - Eu disse.

- *Há uma salada na minha segunda prateleira. Saudável, nutritiva, cheia de vitamina C...*

- Ah. Hum, obrigada - eu disse. - Mas eu realmente só quero torradas e geléia.

Um suspiro veio da ventilação superior de James.

- *Claro, senhorita Will. Muito bom, eu tenho certeza. Mas permita-me salientar que, dos principais grupos alimentares, apenas um está adequadamente representado na refeição que você propõe, e vários estudos indicam uma conexão entre...*

- Tudo bem, tudo bem... Vou comer a salada! - Eu disse.

- *Uma escolha sábia. Tenho certeza disso.* - James respondeu.

Uma certa presunção insinuou-se em sua voz. mas eu ainda não tinha terminado com ele.

- Depois que eu tiver meu brinde. - Eu adicionei. A torradeira riu sozinha e começou a zumbir. Parecia muito com: ela gosta mais de mim, mas Frida não é o eletrodoméstico mais articulado da casa, então eu não tinha certeza.

James suspirou novamente, decididamente martirizado desta vez.

- *Muito bem, senhorita Will* - disse James. - *Eu estava apenas tentando oferecer um mínimo de aconselhamento nutricional.*

Se você acha que os humanos podem parecer hipócritas. então você nunca conheceu uma geladeira com complexo de mordomo. Ninguém faz aquela rotina de *aqui-estou-trabalhando-dia-após-dia-com-as-melhores-intenções-no-coração* isso me leva melhor do que minha geladeira, James. Com ele por perto, é como ter duas mães.

Frida jogou as fatias de torrada no ar com entusiasmo demais. Claro, estourar torradas é o que uma torradeira faz, mas virar as fatias em um laço duplo e depois pegá-las novamente à medida que caem é uma exibição, se você me perguntar.

- *Ela gosta mais de mim, ela gosta mais de mim...* - ela continuou a cantar.

James pigarreou. Coloquei minha torrada em um prato e procurei manteiga em seu interior.

- *Gorduras animais saturadas? Essa seria a terceira prateleira de cima para baixo. Srta. Will.* - ele disse, com uma voz completamente congelada por uma fria desaprovação.

- Ah, pare de ficar de mau humor! - Eu disse, começando a passar manteiga em uma fatia. - Eu disse que comeria salada, não foi?

- *Isso dificilmente é o...* - ele começou. E então sua voz foi interrompida abruptamente, quando todas as luzes se apagaram.

Em algum outro lugar do prédio, dois alarmes contra roubo começaram a soar. Dentro do apartamento, porém, o silêncio era profundo e perturbador.

- James? - Eu disse, hesitante. - James, você está bem?

Demorou muito até que ele respondesse. Então, vagamente, suas luzes se acenderam novamente e ele falou, num tom frágil e levemente indignado.

- *Essa é a terceira vez esta semana* - queixou-se ele. - *Como uma pessoa pode trabalhar nessas circunstâncias? Não me culpe se o leite azedar.*

Dei um suspiro de alívio e dei um tapinha na porta com a mão que não segurava a torrada meio amanteigada.

- Sinto muito, James - Eu disse. - Sei que não deve

ser muito confortável para você. A *Heatherfield Power and Water Company* diz que está trabalhando nisso. Só não tem certeza do que está causando isso, ainda.

- Eu vi isso no noticiário. Houve uma série de grandes cortes de energia durante a semana passada. Um deles aconteceu no meio da hora do rush matinal. E com todos os semáforos desligados, o centro de Heatherfield ficou congestionado, por quase uma hora, e ninguém ficou satisfeito.

- *Vocês, organismos consumidores de carboidratos, simplesmente não percebem o que é depender de formas mais puras de energia...* - afirmou James. - *Você simplesmente aperta um botão e espera que funcionemos de qualquer maneira. "Liga-desliga, liga-desliga." Da maneira como você nos trata, qualquer um pensaria que éramos somos máquinas.*

- *Eu sei, James* - eu disse. - *Sinto muito.*

- *Eu também tenho uma vida, você sabe!* - disse James. - *Tenho uma casa para cuidar!*

- Claro. Olha, talvez você não devesse estar falando tanto agora, com a energia ainda desligada. Você sabe que isso te deixa cansado... - A única razão pela qual ele estava trabalhando, eu sabia, era porque eu estava por perto. Bem, o Coração de Kandrakar e eu. Juntos, eu suponho que você poderia nos chamar de uma das fontes de energia mais fortes do universo.

- *Oh, Srta. Will.* - disse James, com uma voz cheia de sentimentos feridos. - *Deixe-me saber se estou entediando você. Talvez você prefira conversar com a torradeira? Ou com aqueles dois infernais fazedores de barulho no corredor?*

Os "*fazedores de barulho*" a que ele se referia eram os alarmes contra ladrões que ainda funcionavam. Alimentados por bateria, é claro, e programados para reagir a qualquer interferência em seus sistemas.

Quase nunca falei com alarmes; eles eram criaturas estridentes e paranóicas, convencidos de que todos queriam pegá-los. Mas, naquele momento, James estava perigosamente perto de soar assim.

- Você sabe, James. - Eu disse - ninguém causou esses cortes de energia só para incomodar...

Houve uma batida na porta. Parei no meio da frase e deixei cair a fatia de torrada que estava segurando.

- Desliga! - Eu sussurrei. - Alguém está na porta.

- *Se meus serviços não forem mais desejados....* - James começou em tom ofendido.

- Não seja bobo! Eles são. Mas você não acha um pouco estranho que você seja a única geladeira funcionando no centro de Heatherfield? Apenas... - Eu procurei por um palavra que acalmaria os seus sentimentos agitados, e encontrou uma. - Apenas seja discreto. Você faz isso muito bem!

James sorriu arrogantemente. Não me pergunte como geladeira pode sorrir, ele simplesmente pode. Sua ventilação meio que dobra no meio.

- *Discrição é meu nome do meio* - disse ele, e desligou-se.

Fui atender a porta.

Supõe-se que os guardiões tenham sentimentos sobre o futuro. Instintos que lhes dizem quando evitar determinado lugar ou quando não fazer determinada coisa. Bom, se eu tivesse mesmo esses instintos, eles deveriam estar gritando tão alto quanto aqueles alarmes. histéricos contra ladrões: *Não abra a porta! Não abra a porta!* Mas eles não o fizeram. Nem um guincho. Nem um único aviso.

E então, abri a porta e deixei Danny Nova entrar na minha vida.

Ele não parecia tão especial no início. Mas, novamente, eu mal conseguia vê-lo na penumbra do corredor. Um pouco mais alto que eu, talvez um pouco mais velho. Ou pelo menos foi o que pensei a princípio.

- Desculpe entrar assim - ele disse educadamente.

- Mas as luzes se apagaram... e eu acabei de me mudar e nem tenho lanterna. Você acha que eu poderia pegar algumas velas emprestadas?

Ele tinha uma voz bonita. Cheio de vida, de alguma forma. E embora eu realmente não pudesse ver seu rosto direito, havia um sorriso naquela voz, como se ele estivesse rindo muito.

- Entre. - ouvi-me dizer. - Tenho quase certeza de que temos alguns em alguma gaveta em algum lugar.

- Ótimo. Obrigado! - ele disse.

Ele me seguiu até a cozinha. Procurei até encontrar alguns fósforos e algumas velas, uma das quais acendi.

- Oh! - ele disse, no que parecia ser uma surpresa absoluta. - Eu gosto do seu cabelo.

Meu cabelo? *Será que eu de repente adquiri algum penteado novo e radical sem querer*? Nervosamente, torci um fio no dedo.

- Por que? - Eu perguntei, desesperada para saber o que estava errado.

- É da cor de um raio. - disse ele.

- O meu cabelo é ruivo. Não é branco, nem azulado, nem qualquer que seja a cor de um relâmpago.

Relâmpago vermelho? Que loucura! E então isso me atingiu. Ele gosta do meu cabelo! E ele não estava

sendo sarcástico. Ele deu uma boa olhada no meu estúpido cabelo ruivo e gostou.

Senti o calor subir em meu rosto. Sem dúvida, minhas bochechas combinavam com meu cabelo. "*cor de relâmpago*" agora. Desamparadamente escarlate. Graças a Deus pela luz fraca.

- Aqui. - eu disse - Velas. - Eu me senti extremamente desajeitada, segurando as velas como se eu fosse começar a cutucá-lo com elas.

- Obrigado. - disse ele, pegando as velas. Por um breve momento, sua mão cobriu a minha. E eu senti isso como... como um pequeno choque elétrico, do topo da minha cabeça até a planta dos pés.

Estúpido, pensei. *Vamos. Ele tocou sua mão, não é grande coisa. Ele pode nem ter feito isso de propósito.* No entanto, não pude deixar de olhar para ele. Tentei ser casual e não olhar para ele como se quisesse descrevê-lo para um relatório policial posteriormente. Mas acho que provavelmente olhei.

Danny era um pouco mais alto que eu. Ele tinha cabelos ruivos, um pouco cacheados, mas não muito. Seus ombros eram quadrados e de aparência forte, e ele tinha uma pele perfeita. Seus olhos eram sua melhor característica. Eles eram do mais incrível azul elétrico, estalando com energia.

- Você acha que eu poderia pegar alguns fósforos

também? - ele perguntou.

- Er... claro - gaguejei. - Claro.

Virei-me, pegando uma carteira de fósforos.

Trituração. Um som alto e seco preencheu o silêncio. Eu pisei na torrada que deixei cair antes.

- O que é isso? - ele perguntou.

- Eu... er, eu estava fazendo uma torrada. - Eu pisquei, e puxei ainda mais nervosamente a mecha de cabelo enrolada em meu dedo. - Voce gostaria de alguma?

Ele olhou para a bagunça no chão em dúvida.

- Para... para comer? - ele perguntou, olhando para as migalhas debaixo do meu sapato. - Não, obrigado. Eu... bem, eu já comi.

Olhei para os restos quebradiços de uma torrada parcialmente amanteigada. *Eu não quis dizer aquela peça*, eu queria dizer. *Eu poderia fazer outra fatia para você. Eu poderia fazer o jantar para você.* Eu pudesse... *Ah, cale a boca*, eu disse a mim mesma. *Não diga isso. Não faça papel de idiota total. Tudo o que ele disse foi que gostou do seu cabelo.*

Então, você acabou de se mudar?" Finalmente consegui dizer, sem corar muito.

- Semana passada. Apartamento 26-B. No final do corredor. Meu nome é Danny Nova. - Ele estendeu a mão para eu apertar. Hesitando um pouco. Eu peguei.

Desta vez, não houve choque. Apenas um leve arrepio.

- Eu sou Will - eu disse. - Willhemina Vandom. Em que escola você estuda? - Eu ainda não o tinha visto no Instituto Sheffield, mas uma garota sempre pode ter esperança...

- Escola? Ah, isso não... isso ainda não está resolvido. No momento. Estou sozinho por um tempo. E você? Que escola frequenta?

- Instituto Sheffield. - *Viu*? Eu disse a mim mesma. *Isso não é tão difícil. Você diz algo. Ele diz alguma coisa. Chama-se "conversa".*

- Essa é uma boa escola? - ele perguntou.

Dei de ombros.

- É um bom lugar. Eu tenho algumas boas amigas lá.

- Amigos são importantes - disse ele, e sorriu para mim.

Naquele momento, a luz voltou. As luzes se acenderam novamente e um bipe irritante da secretária eletrônica anunciou que nossa mensagem precisava ser regravada.

Na cozinha bem iluminada, ele ainda parecia muito fofo. Eu, por outro lado, tinha plena consciência de que meu cabelo lembrava um palheiro úmido.

Ele estendeu as velas.

- Acho que não vou precisar disso, afinal.

- Fique com eles. - Eu disse a Danny. - Essas quedas de energia têm sido um problema há mais de uma semana. Nunca se sabe quando acontecerá a próxima.

- Então é melhor eu não fugir com todo o seu suprimento. - Ele soprou suavemente a vela que eu ainda segurava e dividiu solenemente o resto em duas pilhas iguais.

Houve um zumbido vindo da porta da frente do apartamento. A voz da minha mãe cortou a sala agora silenciosa.

- Will? Você está aí, querida? - ouvi a voz dela vindo através do interfone. - Tenho algumas coisas que precisam ser carregadas. Você pode me ajudar?

Oh. Justo agora? Eu pensei. Pense em um momento ruim!

- Bom, eu tenho que ir. - Danny disse, .acenando com sua parte das velas. - Eu te vejo por aí.

Ele estava na metade da porta antes que eu tivesse tempo de dizer qualquer coisa. Então ele se virou para mim sua por um momento.

- Você realmente tem um cabelo incrível. - disse ele. E então ele desapareceu rapidamente.

Cabelo incrível? Toquei minha cabeça pegajosa, molhada e clorada. Sem levar em conta o gosto, decidi. Lentamente, apertei o botão do intercomunicador.

- Oi mãe. - Eu disse. - Estou descendo.
- Obrigada, querida. - ela respondeu.

Mas, por um momento, fiquei ali parada, lembrando-me do pequeno choque que senti quando ele tocou minha mão pela primeira vez. *Choque estático.* Eu tinha ouvido pessoas falarem sobre isso, mas nunca pensei que quisessem dizer isso tão literalmente.

- *Senhorita Will?*
- Sim, James?

Houve uma pausa longa e estranha, como se ele quisesse dizer alguma bcoisa, mas não soubesse bem como dizer. Eu simplesmente esperei.

- *Não se esqueça de comer a sua salada, senhorita.* - ele finalmente murmurou. Mas tive a estranha sensação de que não era isso que ele queria dizer.

E foi assim que eu conheci Danny Nova. O garoto da porta ao lado. Uma reunião muito comum, na verdade, comparada com o que se seguiu.

Capítulo 2

Bum, bum. Boom Boom Boom. Um som forte ecoou ensurdecedoramente algo pelo estacionamento. Uma multidão de estudantes voltando para casa se reuniu para ver algumas pessoas dançarem.

- Quem é aquele? - perguntou Taranee, esticando o pescoço para uma melhor visão.

- Não sei. - eu disse. - Olha, é melhor irmos. Minha mãe disse que chegaria em casa mais cedo hoje.

Houve uma comemoração selvagem e gritante da multidão, e alguns aplausos.

- Incrível! - alguém gritou.

- Você não quer ver o que está acontecendo? - disse Taranee. Mais e mais estudantes se juntavam à platéia, e as palmas ficaram altas e rítmicas. - Vamos, Will, só vai demorar um minuto.

Dei de ombros.

- OK. - Eu tinha que admitir, eu estava começando a ficar curiosa também.

Três meninos estavam dançando. Dois deles eram de Sheffield. Eu não sabia seus nomes, mas já os tinha visto por aí. Eles eram bons dançarinos e sabiam vários alguns movimentos muito legais, mas não eram o motivo da multidão. Era o terceiro garoto para quem todos estavam olhando. Ele estava girando e deslizando com a batida da música, precisamente no ritmo do baixo forte, da percussão forte. Todo o seu corpo parecia pulsar com a batida. Foi incrível de se ver, exatamente como o cara na multidão acabara de dizer. E era Danny, o meu novo vizinho praticamente da casa ao lado.

- Uau. - suspirou Taranee. - Ele é bom. - Balancei a cabeça silenciosamente e observei Danny dar um significado totalmente novo ao termo *mover-se no ritmo*

A música chegou ao fim. Os dois meninos do colégio Sheffield estavam ofegantes e suados, com manchas de umidade nas camisetas e brilho no rosto. Já Danny nem parecia estar sem fôlego.

Então ele me viu. Seu rosto se iluminou em um sorriso encantado.

- Will! - ele chamou. - Eu estava esperando pegar você.

Todos se viraram para ver com quem ele estava falando. De repente, toda uma multidão de pessoas

estava olhando diretamente para mim. Mordi o lábio e passei os dedos no cabelo nervosamente.

- Oi. Danny.

Taranee me lançou um olhar.

- Você o conhece? - ela sussurrou com admiração.

- Novo vizinho. - eu sussurrei de volta, pelo canto da boca.

Danny se aproximou de mim.

- Podemos... ir a algum lugar? - Danny perguntou. - O parque? O shopping? Você poderia me mostrar o local.

- Sim - eu disse, instantaneamente. Então me lembrei que Taranee havia prometido me ajudar com matemática naquela tarde. - Isso é, er... Taranee... você não se importa, certo? - Eu dei a ela um olhar suplicante.

Ela soltou um suspiro.

- Ah, tudo bem. Passo aí mais tarde. Sete?

- Você é o melhor. - Dei-lhe um soco leve e agradecido no braço. Antes de Taranee ir embora, ela me deu um sorriso e uma piscadela. E então, é claro, fiquei ali parado como um idiota, sem saber o que fazer a seguir.

- Onde você quer ir? - Eu finalmente perguntei a ele.

Danny olhou para o aparelho de som que um dos rapazes Sheffield estava colocando no ombro.

- Talvez você pudesse me mostrar onde conseguir um desses - disse ele. - Eu realmente gostaria disso.

Fiquei surpreso que ele ainda não tivesse um. Os caras que dançavam como ele geralmente praticavam a qualquer hora, em qualquer lugar, no shopping, no estacionamento ou em qualquer esquina.

- Claro. - eu disse. - Nós podemos ir ao Honeydew Center. Tem várias lojas boas lá.

Enquanto saíamos, pude ouvir alguns dos alunos conversando atrás de nós.

- Quem era aquele cara? - uma garota loira perguntou.

- Não sei. - disse um dos outros dançarinos. - Ele simplesmente apareceu, olhou para nós por um tempo e depois se juntou a nós. Ele tinha os movimentos, no entanto.

- Você acertou! - a garota loira disse.

Eu olhei para trás. A multidão estava se dispersando agora que o show havia terminado. Mas um cara ainda estava lá, observando Danny e eu ir embora.

Matt Olsen.

Não havia realmente nada entre Matt Olsen e eu. Ele foi legal comigo algumas vezes, só isso. Ele era o tipo de cara que era legal com todo mundo. Eu que

me interessei por ele primeiro, e não o contrário. Eu era quem tinha a maior paixão. *Então, por que senti essa pontada estúpida de culpa?*

Dei um pequeno e envergonhado aceno de mão. Matt acenou de volta. Então ele subiu na bicicleta e partiu. E levei Danny ao Honeydew Center, para ver aparelhos de som.

- Então... - disse Taranee, jogando seus livros de matemática na minha mesa mais tarde naquela noite.
- Como foi?
- Como foi o que? - Eu perguntei, caindo na minha cama.
- Seu encontro. - Taranee disse, sentando-se ao meu lado. Ela claramente não estava na minha casa só para estudar. Ela queria a fofoca do dia.
- Não foi um encontro, Taranee. - expliquei. - Eu estava apenas mostrando o lugar para ele.
- Ah, claro - disse ela.

Brinquei com o pelo do meu sapo verde de pelúcia.

- Danny é novo aqui. - eu disse a Taranee.
- Deu pra ver... - disse Taranee, empurrando os óculos para cima do nariz.
- Eu só estava sendo... amigável. - eu disse. Come-

cei a enrolar meu cabelo no dedo.

- Hmmm... - Taranee me olhou de um jeito que só uma melhor amiga poderia fazer.

- Taranee! - Eu disse.

- O que? - ela perguntou, inocentemente.

- Pare de me olhar assim! - Eu protestei.

Taranee sorriu.

- Se você girar com mais força, vai perder um pouco de cabelo.

Soltei a mecha de cabelo que eu estava enrolando em meu dedo. Não faço isso o tempo todo, só quando estou com vergonha.

- Ele é um dançarino muito legal e se parece com *Joeloe*. - comentou Taranee.

O novo single de Joeloe, "*I Got the Power*", aparecia atualmente na capa de todas as revistas de música que se consideravam vanguardistas.

- Ele se parece muito com isso. - murmurei. - Mas ele não está... quero dizer, nós não estamos... eu não estou realmente... eu só estava...

- Uh-oh - disse Taranee, sorrindo. - Você está mal.

- Pare de me provocar! - Eu gritei.

Taranee ficou séria por um momento.

- Will, isso não é típico de você - disse ela.

- O que não é como eu? - Perguntei. - O fato de um garoto realmente gostar de mim?

- Não, ser tão sensível. - disse Taranee. Ela se levantou da cama e foi até sua mochila. - Você sabe que não foi isso que eu quis dizer. Só acho que você está melhor com Matt, só isso.

- Sim, bem, o problema é que não estou com Matt, caso você não tenha notado. - Eu expliquei. - Danny, por outro lado, *sabe* que eu existo. Ele até gosta de mim. E estar com ele é divertido. Isso é um crime?

- Não. - disse ela, balançando a cabeça com tanta força que as pequenas contas em suas tranças tilintaram.

- Está bem então. - Abri o livro de matemática. - Olha, você pode me explicar essa raiz quadrada? Isso seria muito útil.

- Humm... - Tarance suspirou. Mas ela não começou a explicação, pelo menos não imediatamente. Em vez disso, ela continuou olhando para mim com uma expressão estranha e preocupada no rosto.

- O que é? - Eu finalmente perguntei.

Ela suspirou.

- Promete que não vai ficar brava?

Foi minha vez de suspirar.

- Você é uma das minhas melhores amigas e minha colega Guardiã. Quando é que fico brava com você? - Eu pensei nisso por um momento. - Sério, o que você, quer dizer.

- É só que... - ela disse - eu não tenho certeza se o Danny é confiável.

- Confiável? Ah, por favor, Taranee. - exclamei. - O que ele vai fazer? Me levar para alguma masmorra? Me dar de comida para o seu monstro de estimação?

- Não diga isso - retrucou Taranee. - Mesmo como uma piada. Você sabe que coisas estranhas às vezes acontecem conosco.

Isso era verdade. Meio que isso veio com ser uma Guardiã do Véu. Às vezes parecia que nós cinco, Taranee e eu, e Irma, Cornelia e Hay Lin, tínhamos cartazes nas costas que diziam: *Problemas, por favor, façam fila aqui. Você será atendido assim que a equipe estver disponível.*

Mas o Danny não era um problema. Ele parecia bem.... comum não era a palavra certa, mas ele não ostentava presas, garras ou uma segunda cabeça nem qualquer outra característica especial com a qual tivemos que lidar no passado.

- Ele é apenas um garoto. - Eu disse. - E eu deveria ser um Guardião. Eu certamente posso lidar com um dançarino adolescente. Mesmo que se pareça muito com Joeloe.

As luzes diminuíram, acenderam novamente e depois apagaram completamente. Houve um grito vindo

do escritório, onde a minha mãe trabalhava em seu computador.

- Ah, não! Não acredito. De novo, não!

Um momento depois, houve uma batida suave na minha porta.

- Will! - minha mãe ligou. - Quando a energia voltar, você pode, por favor, fazer sua mágica no computador? Caso contrário, acabei de perder duas horas de trabalho.

- Vou tentar. - eu disse. Minha mãe não estava falando de mágica de verdade. Ela achava que eu tinha, de alguma forma, desenvolvido bons conhecimentos de informática.

- Obrigada. Will. - ela suspirou. - Por que você e Taranee não vão para a cozinha? Há alguns biscoitos e eu acendi algumas velas. Eu espero que a Companhia de Água e Energia de Heatherfield esclareça isso logo. Caso contrário, não restará um trabalhador de informática sensato na cidade.

Foi bom sentar ali na cozinha escura com minha mãe e Taranee. Não me importei em adiar as raízes quadradas por um tempo. Mas eu sabia disso, James, Frida, George, Billy, e todos os nossos outros aparelhos ficariam assustados e inquietos. Com minha mãe lá eu não conseguia acalmá-los.

- É um pouco estranho, não é? - Eu disse, tomando

meu chá. - O que aconteceu agora, nove ou dez interrupções em cerca de uma semana? Alguém deveria fazer alguma coisa. - Chamei a atenção de Taranee.

Taranee assentiu lentamente.

- Sim. Alguém realmente deveria investigar isso.

Capítulo 3

- É que agora muitas pessoas têm ar condicionado. - disse Cornelia. - E computadores. E cerca de um milhão de outros aparelhos que consomem muita eletricidade.

- Ainda não está quente o suficiente para ligar aparelhos de ar condicionado. - objetou Hay Lin. - Acho que a Will tem razão. Essas interrupções não são normais.

Estávamos em um terreno abandonado a alguns quarteirões do Honeydew Center. Não foi exatamente um dos destaques do passeio panorâmico da cidade, sendo basicamente um buraco muito grande no chão, com alguns pilares de concreto independentes e muitas ervas daninhas, lama e água cor de ferrugem. Mas tinha a vantagem de estar deserto a maior parte do tempo, o que o tornava um bom local de treino para nós. *Você acha que os Guardiões não tem que praticar? Pense de novo.*

- Tudo bem, então. - disse Irma. - O que fazemos a respeito? Perguntar ao Oráculo?

- Ah, sim, certo. - disse Cornélia. - Como iria fazer? "Honrado Oráculo, a companhia de energia da cidade está com alguns problemas. Você poderia gentilmente ajudá-los? Isto é, se você não estiver muito ocupado observando o destino de todo o universo."

Dito dessa forma, parecia um problema muito pequeno para incomodar o Oráculo.

- De qualquer forma. - disse Cornélia - ele provavelmente só diria para consertarmos nós mesmas. Ele geralmente faz isso.

Cornélia disse isso com certo orgulho e eu também não podia deixar de sorrir. Era verdade que o Oráculo raramente interferia diretamente, mas, de alguma forma, ele sempre nos fazia sentir que, se fizéssemos o nosso melhor, poderíamos resolver até os problemas que pareciam mais impossíveis.

- Pelo menos, depois de conversarmos com ele, saberemos o que deveríamos consertar - disse Taranee. - Se estas não são faltas naturais de energia, não tenho ideia do que sejam ou por que estão acontecendo

- Will... você não pode perguntar? - disse Irma.

Eu fiz uma careta.

- A eletricidade, você quer dizer? A energia em si?

Eu poderia tentar, mas... a eletricidade não tem memória. Quando está lá, está lá, e quando acabar, acabou. Desligado. Eu teria mais sorte perguntando... ah. Eu não sei, talvez um dos transformadores da central elétrica. Mas não sei como entraríamos.

- Talvez eles façam tours - disse Hay Lin.

- Eu vou descobrir. - disse Tarance. - Agora, vamos praticar ou não? Está ficando tarde.

O que fazemos durante nossas sessões práticas varia. Às vezes tentamos fazer com que os nossos elementos trabalhem juntos em coisas difíceis, como as gotas astrais. Esse é um truque muito legal e um tanto assustador, onde nós criamos um tipo de cópia para uma de nós, ou para todas de uma vez. Precisamos fazer isso quando sairmos de Heatherfield e formos para o Metamundo, para que ninguém perceba que partimos. Olhar para a gota astral é como olhar para si mesma, e essa é a parte estranha. As gotas se movem como nós, falam como nós ou pelo menos falam se fizermos certo.

Certa vez, eu fiz uma que fazia quase tudo errado; mas isso é uma outra história.

Outras vezes, tentamos surpreender uns aos outros. Se você for atacada, deveria ser capaz de reagir rapidamente, especialmente se for um ataque físico. E acredite, já fomos atacadas com frequência suficiente

para sabermos que precisamos dessa prática. Então, nós treinamos, que nem os boxeadores, eu acho.

É por isso que, meia hora depois, fui erguida no ar por uma enorme tromba de água que então me manteve ali, como uma bola de pingue-pongue.

- Tudo bem, Irma. - eu disse. - Você deixou claro o que queria. Agora, me desça.

Ela não fez isso. Ela estava muito ocupada rolando no chão, rindo loucamente.

- Estou me molhando. - eu disse. Na verdade, eu estava ficando muito molhada. E ainda estava muito frio. Além disso, eu realmente não gosto muito de altura.

Irma ainda estava rindo loucamente e não dava sinais de acabar com sua coluna de água. Chamei o Coração de Kandrakar para minha mão.

Ele está em mim, ou comigo, o tempo todo. Mas quando quero que fique visível, parece um pingente de cristal, brilhando com luz pura. O Coração é o que nos une. Nele, todos os elementos da natureza - água, fogo, ar e terra - se reúnem como a energia pura.

Supus que essa capacidade de unir, fundir e fundir foi o que me tornou a líder do W.I.T.C.H. E eu estava prestes a lembrar a Irma desse fato importante.

Eu não poderia e não iria atacá-la com o Coração. Mas eu poderia impedi-la de usar os poderes que o Coração lhe deu. Sem eles, Irma ainda teria um pouco de magia, mas não seria tão forte.

Quando o Coração começou a brilhar em azul e verde, a coluna de água de Irma afundou suavemente de volta na terra e tornou-se um mero fio. E caí, com muito frio e encharcada, no chão lamacento.

Irma parou de rir.

- Desculpe - disse ela. - Eu me empolguei um pouco. Mas a expressão no seu rosto...

- Ah, ha-ha - eu disse. - Muito engraçado. - Eu estava começando a tremer.

Taranee tocou suavemente minha manga molhada.

- Só um segundo. - disse ela, franzindo o rosto em concentração. Minhas roupas começaram a fumegar. Alguns momentos depois eles estavam secos. Eles ainda tinham um cheiro estranho, como algo que está na sua mochila de ginástica há muito tempo, mas eu estava bem mais aquecido. Essa era uma das vantagens de ter uma Guardiã com poder sobre o fogo como amiga.

Irma me deu um abraço.

- Desculpe. Eu sinto muito. Podemos ser amigas de novo? Por favor? - Ela olhou pra mim como um cãozinho arrependido, ela é muito boa em ser boba. - Por

favor, por favor, por favor, por favor? - Irma pode ser uma grande rainha do drama também.

Eu nunca conseguiria ficar com raiva de Irma por muito tempo. Ela me faz rir demais para ficar brava. Eu sorri.

- Ah, tudo bem. - eu disse. Eu olhei para ela. - Mas que Bruxa da água travessa você é.

Abri o Coração para ela mais uma vez. Irma suspirou satisfeita quando todos os poderes de seu elemento voltaram para ela.

- Assim é melhor - disse ela. - Isso é mais parecido comigo.

O céu começava a escurecer e as luzes da rua começavam a acender.

- Hora de ir para casa. - disse Hay Lin. - É melhor esconder o Coração novamente, Will.

Houve um movimento nas sombras que nos assustou a todos e arrancou um suspiro ofegante de Taranee.

- Uau! Que gato estranho! Você já viu um tão grande?

O gato já tinha ido embora, uma listra marrom. rápido como um raio. Deixei o Coração desaparecer de vista, grato por nosso visitante surpresa ser apenas um animal.

- Está mais para uma pequena pantera. - disse

Cornelia. - Olha o tamanho dessas pegadas!

- Imagine quantas latas de comida de gato seu dono tem que arrastar para casa toda semana - riu Irma. - O pobre rapaz deve ter uma hérnia permanente.

Então percebi que havia algo estranho no gato, além do tamanho.

- Você já viu um gato com olhos assim? - Perguntei. - Com olhos tão azuis?

Irma encolheu os ombros.

- Siamês, talvez - disse ela. - Esqueça o gato. Estou com fome. Quem quer dividir uma pizza no caminho para casa?

No dia seguinte, logo depois de voltar da escola, ouvi uma batida enérgica na porta. Foi Danny.

- Você pode vir? - ele perguntou. - Eu tenho algo para te mostrar!

Segui Danny pelo corredor até seu apartamento. A tal coisa acabou por ser um novo aparelho de som, junto com uma fileira de CDs.

- Você comprou! - Eu lhe disse, conferindo o novo conjunto de alta tecnologia que vimos outro dia no loja. - Ótimo. O que seus pais disseram?

- Oh, eles não estão... eles ainda estão viajando. -

Danny disse. - Eles não voltarão por mais algumas semanas.

- Você esta por sua conta? - Eu disse, um pouco surpreso. Não que ele não parecesse capaz de cuidar de si mesmo, mas ainda assim era... um pouco incomum.

Seu apartamento também era um pouco incomum. Eu sabia que ele tinha acabado de se mudar, mas mesmo assim estava totalmente vazio. Além do aparelho de som e seus novos CDs. havia uma cadeira que parecia ter sido deixada pelo ocupante anterior e uma pilha de jornais e revistas. Notei que um dos eles tinham o Joeloe na capa.

Danny colocou um dos CDs no aparelho de som e apertou o botão de *PLAY*. A voz de Joeloe ecoou pelo apartamento vazio.

"Eu tenho o poder. Eu tenho os movimentos, tenho a música, tenho os ritmos...."

Danny começou a dançar.

- Vamos. - ele disse, balançando os dedos para mim. - Isso não é ótimo?

- Sim, mas... - Fiquei ali, me sentindo completamente estranha. - Eu não... danço muito bem.

- Quem se importa? - Danny disse, com um sorri-

so. - Vamos. Vou te ensinar alguns movimentos.

Ele sorriu para mim novamente, e foi um sorriso tão bonito. Um sorriso do tipo você pode fazer qualquer coisa. Um sorriso do tipo "*isto é só por diversão*".

- Vamos, Garota Relâmpago. - ele disse. E de repente não me importei por não ser a melhor dançarina do mundo. O que ele estava fazendo parecia divertido. Tentei copiá-lo. Não tive muito sucesso. Danny riu, e isso me fez rir. Tentei novamente, me sentindo um pouco mais confortável. No final da música, eu estava dançando. Bem, mais ou menos.

- Mais uma? - ele perguntou, seus olhos brilhando.

Bem, porque não? Eu pensei. Eu estava dançando com o garoto novo mais gostoso da escola. E eu estava me divertindo muito.

Dançamos por quase duas horas. No final, eu estava sem fôlego e me sentindo muito cansada por causa de todo o exercício.

- Acho que poderia aprender a gostar disso. - eu disse.

- Você deveria. - Danny me disse. - Você já é muito boa. - Ele olhou para mim e eu pensei que ia derreter.

Olhei com pesar para o meu relógio.

- Eu tenho que ir agora. - eu disse. - Minha mãe

chegará em casa a qualquer minuto e eu prometi que jantaria com ela esta noite.

Pouco antes de chegar à porta, Danny me chamou.

- Ei, espere - disse ele. - Voce estará livre amanhã?

Parei, minha mão na maçaneta.

- Hum... - Eu tropecei. Senti meu rosto entrar fi- vermelho! Mas eu ainda queria ver Danny novamente. - Quando, exatamente? - Finalmente consegui dizer.

- Amanhã à noite? - Danny perguntou. Ele parecia incrivelmente fofo enquanto olhava para mim com esperança. - Você tem sido tão legal comigo, me mostrando o lugar e tudo mais. Eu gostaria de levá-la para sair em algum lugar. Que tal Carnival Bay? Você gostaria disso?

Ah, pensei. *Isso parece um encontro.* Um encontro real e honesto. Com Danny. Eu estaria preparada? Tudo estava acontecendo tão rápido!

- Obrigada. - eu disse. - Sim, eu... gostaria muito disso.

Seu rosto se iluminou com aquele sorriso irresistível, cheio de alegria e energia.

- Ótimo! - ele disse. Ele ficou na porta observando enquanto eu caminhava pelo corredor. Na verdade, senti como se estivesse flutuando!

Na manhã seguinte, enquanto eu estava em frente ao meu armário pegando meus livros para o primeiro período. Matt apareceu, me pegando totalmente de surpresa.

- Meu avô trouxe uma ninhada de cachorrinhos... - disse ele. O avô de Matt, Sr. Olsen, era dono de uma loja de animais. Às vezes eu trabalhava lá depois da escola. Claro, eu comecei a trabalhar lá porque queria ver o Matt mais vezes. Mas ele nunca pareceu notar se eu estava lá ou não. De qualquer forma, eu gostava de estar na loja, e o Sr. Olsen era realmente uma pessoa bem legal.

- Hum... ah... - eu disse, não muito inteligente.

- Spaniels[1]. - disse ele. - Pele tão macia e sedosa que você não acreditaria. Eu estava pensando... você gostaria de passar por aqui e vê-los?

- Hum... quando? - Perguntei.

- Esta noite, se você estiver livre... - Matt ficou lá, me fazendo essa pergunta como se fosse parte de uma cena de um dos meus devaneios. Eu não pude acreditar. *Oh não.*

- Hum... eu não posso. - eu disse. - Eu tenho... isto é, eu tenho que... eu realmente sinto muito... - Eu não conseguia acreditar no que estava dizendo.

---

[1] **Raça de cães de origem europeia**

Matt encolheu os ombros.

- Ei. - ele disse. - Não é grande coisa. Eu só pensei que você gostaria de vê-los.

Eu faria isso, pensei. *Me pergunte de novo. Amanhã à noite. Qualquer outra noite. Por favor.*

Mas ele já havia saído pelo corredor e começou a rir com algumas das meninas mais velhas.

Ele estava apenas sendo gentil, eu disse para mim mesma. Se ele realmente quisesse me ver, não teria desistido tão facilmente. Ele teria sugerido alguma outra noite. Ele não teria?

Bati a porta do meu armário quando a campainha tocou. Eu deveria estar mais chateado com o que estava acontecendo. Mas tudo que eu conseguia pensar era no meu encontro com Danny.

Capítulo 4

O trovão retumbou. O ar ao nosso redor ficou absolutamente parado. Meu cabelo parecia flutuar e ficar preso com eletricidade estática.

- Você acha que vai chover? - Perguntei.

Danny balançou a cabeça. Ele estava muito fofo com seu suéter azul e jeans.

- Não. - ele disse, parecendo muito certo. - Sem chuva. - Ele sorriu para mim, um sorriso brilhante e animado. Ele parecia que mal conseguia ficar parado. - Vamos. - ele disse. - Há tantas coisas divertidas para fazer aqui!

Estávamos em Carnival Bay, o recinto de feiras em frente ao porto de Heatherfield. A curva iluminada da grande roda gigante brilhava contra o céu acinzentado, e o cheiro de pipoca, cachorro-quente e hambúrgueres era insuportável.

- Olha, vamos tentar isso! - Danny disse. Ele apontou para a esquerda.

Carrinhos de bate-bate.

Bem, porque não? Eu pensei. *Eu costumava amá-los*. Com Danny, poderia ser divertido.

Andar de carrinho de bate-bate com Danny foi divertido. Éramos como balas de canhão, voando de uma ponta a outra do ringue, uma ameaça para tudo e para todos. Nosso carro era muito mais rápido do que qualquer outro, e Danny girou o volante com graça e rapidez, deslizando todo.

Danny riu e gritou como uma criança de cinco anos. Também não pude deixar de rir e, em algum momento, até os outros motoristas começaram a gritar e a sorrir. Foi contagiante, o Danny era tão bom e estava se divertindo tanto que todos os outros captaram parte desse entusiasmo. Acho que o responsável pelo passeio nos deixou ir muito mais tempo do que deveria, só para observar a ação.

Quando a viagem finalmente terminou, algumas pessoas dos outros carros apertaram a mão de Danny e deram tapinhas em seu ombro. Danny sorriu, seus olhos brilhando positivamente. Olhei para ele e pensei que até então nunca tinha conhecido alguém que vivesse a vida ao máximo, como Danny fez.

Ao passarmos por uma barraca de concessão, perguntei a Danny se ele queria beber alguma coisa.

Ele balançou sua cabeça.

- Não estou com sede - disse ele. Então ele passou

para a próxima atração. Ele era como um garotinho!

- Vamos nessa! - ele disse, apontando para o Trem Fantasma.

Como havia ameaça de tempestade, o recinto de feiras não estava lotado e tínhamos um vagão inteiro só para nós. Com um apito fantasmagórico adequado, o trem partiu pelo primeiro túnel escuro do que deveria ser uma mina abandonada. Uma queda repentina e invisível fez meu estômago revirar e agarrei a barra que me mantinha no lugar. Danny riu, era um som agradável, tão reconfortante quanto um cobertor quente.

O trem subia com dificuldade uma subida íngreme, para cima. para cima... Um esqueleto com um mchado saltou sobre nós, gritando, e depois desapareceu pela borda. Nós seguimos. O ar frio misturado com um cheiro de óleo de máquina correu em minha direção, jogando meu cabelo para trás. E então viramos uma esquina e nos deparamos com teias de aranha. Assustada, escovei descontroladamente o meu cabelo. Uma estranha luz verde brilhou e revelou uma massa de teias de aranha com aranhas do tamanho de bolas de softball.

- Legal. - murmurei, pensando que foi uma sorte a

Taranee (que tem muito medo de aranhas) não estar aqui para ver a cena. Eu não tinha medo de aranhas... não muito.

De repente, houve um clarão abrasador. Ao nosso redor, o poder brilhou e aumentou. Então o carro parou e todas as luzes se apagaram.

Ah, não, pensei, *não é outra queda de energia. Ou talvez fosse parte do passeio*? Não. Eu senti a energia aumentar e quebrar; Eu senti que deu um salto em direção...

...a Danny.

O choque acalmou meu coração por um segundo.

- Danny?

Nenhuma resposta.

- Danny, você está bem? - Procurei sua mão. Eu não o consegui encontrar. *Onde ele estava? Se ele... se ele estivesse...* Minhas mãos tremiam. Uma corrente tão forte poderia matar.

- Danny!

Onde ele estava? Por que ele não respondeu?

Estava escuro como breu no falso poço da mina. Eu não conseguia ver minha mão na frente do meu rosto. Eu estava em pânico total. Eu estava com medo por mim e por Danny. Só havia uma coisa que eu poderia fazer.

Eu trouxe o Coração.

O brilho suave do Coração iluminou os fios brilhantes da teia de aranha, e um assento vazio ao meu lado.

Um som me fez virar. Atrás de mim, na traseira do carro, estava Danny, equilibrado como um acrobata. Pela primeira vez, ele não estava sorrindo.

- Desculpe. - ele disse, e colocou uma mão em cada lado do meu rosto, muito gentilmente.

Desculpe? Eu pensei. Mas...

E então o poder explodiu através de mim e tudo ficou preto.

- Senhorita? Senhorita, você está bem?

As palavras eram confusas, como se eu as estivesse ouvindo debaixo d'água. Eu estava com frio. Minha boca estava seca. Eu doía todo. O que tinha acontecido?

Olhei em volta freneticamente, finalmente percebendo por que me sentia tão mal.

Danny tinha ido embora.

E o meu coração foi junto.

Capítulo 5

- Podemos trazer um cobertor aqui? Senhorita, você pode me ouvir?

- Sim. - murmurei e tentei abrir os olhos. O que foi isso... essa sensação horrível que tive? Pisquei e tentei me concentrar.

Um estranho estava debruçado sobre mim, um estranho com um alegre uniforme vermelho e amarelo. Apertei os olhos para ver o bolso da camisa do homem. *EQUIPE DO CARNAVAL BAY.*

Carnival Bay. Trem fantasma. Danny.

- Alguém viu o garoto com quem eu estava? - Perguntei. - Ele é alto, tem cabelo ruivo e olhos muito azuis. - Olhei em volta ansiosamente para a multidão de pessoas olhando para mim.

Ninguém sabia de quem eu estava falando.

- Ele vai voltar. - disse o funcionário do Carnival Bay que me encontrou. - Provavelmente só fui buscar ajuda.

Ele olhou para mim com pena. Ele claramente pensou que Danny era um canalha por abandonar seu encontro. Eu não conseguia nem começar a explicar que o que Danny realmente fez foi muito, muito pior. Infinitamente pior.

Eu não conseguia parar de tremer. Eu me sentia vazia por dentro.

O médico de Carnival Bay mediu meu pulso e pressão arterial e apontou uma pequena lanterna para meus olhos. Eu disse a ela que não, não tinha batido a cabeça e não, não estava com dificuldade para respirar. E eu simplesmente não conseguia parar de tremer.

- Você por acaso é claustrofóbica? - o médico perguntou.

Eu quase disse que não a ela, mas depois pensei duas vezes. O médico não queria me deixar ir embora sem uma explicação e eu não poderia contar a ela o que realmente havia acontecido. A claustrofobia teria que servir.

- Um pouco. - eu disse, com um suspiro. - Bem, talvez mais do que um pouco.

O médico colocou a lanterna de volta no bolso.

- Você ficou com medo quando as luzes do túnel se apagaram?

Balancei a cabeça e disse a mim mesmo que não era uma mentira completa: eu estava com medo, muito medo de que algo tivesse acontecido com Danny. E o tempo todo. ele estava se preparando para... Meu estômago doeu só de pensar, e respirei fundo.

Ela acariciou meu braço.

- Acalme-se. Eu acho que sei o que aconteceu. - O médico se inclinou e me ajudou a sentar. - Você estava com medo o suficiente para começar a hiperventilar e desmaiou. - explicou ela. - Se isso acontecer de novo, concentre-se apenas na respiração. Respirações profundas e lentas. Você ficará bem.

- Obrigado. - eu disse. Eu queria que fosse assim tão simples. Como eu poderia explicar a esse médico que Danny acabara de roubar de mim o Coração de Kandrakar?

- Agora, você tem alguém para te levar para casa? - perguntou o funcionário do Carnival Bay. - Você ainda está um pouco confuso.

Assegurei ao funcionário que estava bem. Eu não morava longe dali, expliquei.

O médico me disse para andar devagar, mas eu corri. Eu precisava chegar rápido ao apartamento de Danny. Eu precisava pegar aquele ladrão mentiroso e duas caras antes que ele...

- Will!

Taranee, Cornelia, Irma e Hay Lin estavam todas esperando por mim no saguão do meu prédio.

Todas pareciam atordoadas... e preocupadas.

Taranee deu um passo à frente.

- Will, o que aconteceu? - ela perguntou.

- Todos nós tivemos uma sensação realmente horrível. - Hay Lin disse. - Viemos aqui imediatamente.

- Mas quando chegamos, você não estava aqui. - explicou Irma.

Cornélia colocou a mão no meu braço.

- Estávamos esperando por você aqui. Não sabíamos onde encontrá-lo. Will, o que aconteceu?

Eu não poderia contar a elas. Eu simplesmente não consegui. Mas então me forcei a olhar para seus rostos. Eu deveria ser o líder deles e sabia que precisava contar a eles.

- Foi Danny. - Eu disse em uma voz que era apenas um sussurro. - Ele... ele roubou o Coração.

Cornelia encostou a mão na porta do apartamento 26-B. A fechadura se abriu com um *clic*! Corny era bia em mover objetos sólidos, é uma espécie de especialidade.

Todas nós entramos no apartamento de Danny. Hay Lin apontou sua lanterna pelo corredor. Ninguém estava lá. Na verdade, não havia nada lá. O lugar estava totalmente vazio. Bem, estava mais ou menos vazio mesmo quando Danny esteve lá. Mas agora, ele obviamente se foi. A questão era: *para onde ele foi?*

- Meu Deus! - disse Cornelia um pouco sem fôlego. - Olhem!

Ela apontou a lanterna para o que antes era uma tomada elétrica. Agora estava queimado e bagunça de plástico borbulhante. Todas as tomadas elétricas do apartamento pareciam iguais.

- Oooh!! - disse Irma enquanto estava no meio da sala. Na parede havia um grande. círculo enegrecido, com cerca de trinta centímetros de largura.

- O que aconteceu? - perguntou Hay Lin. - O que ele fez?

- Acho que essas quedas de energia não foram culpa da companhia de energia de Heatherfield, hein? - Irma riu.

- Shhh! - Taranee disse a Irma, dando-lhe um tapinha no ombro.

Algum tipo de luz estava começando a acender em meu cérebro turvo.

- Não sei por que ou como, mas Danny deve ter ti-

do algo a ver com isso... - eu disse. Lembrando-me daquele instante assustador em que senti o poder saltar de todos os lugares ao meu redor para Danny.

- *Ele... ele... ele se foi*? - uma voz muito baixa e trêmula perguntou. E a voz definitivamente não veio de nenhuma de nós.

Eu pulei. Eu acho que todos nós pulamos. Os fachos de nossas duas lanternas tremeluziam como holofotes pela sala.

- Pronto. - eu chorei. - No parapeito da janela!

Era um pequeno rádio de pilha. Era azul, como os olhos de Danny. Mas eu definitivamente não queria pense nos lindos olhos de Danny naquele momento.

- Você o viu partir? - Perguntei ao rádio.

- *Ele nem se despediu.* - Um pouco de estática e um trecho de música melancólica acompanhou essa afirmação. - *Ele se foi. Ele simplesmente foi. Me deixou. Me deixou sozinho.*

- Onde ele foi? - perguntou Cornelia, aproximando-se do rádio.

O rádio azul a ignorou e limitou-se a tocar uma música triste.

- Você pergunta - Cornélia me disse. - Temos que saber.

Eu balancei a cabeça.

- Por favor. - Eu disse. - É realmente muito impor-

tante. Para onde Danny foi?

- *Sozinho. E eu tentei tanto...* - a voz estava desaparecendo rapidamente. - *Mas não. Eu não fui o suficiente para ele! Agora ele foi embora com ela.* - A última palavra saiu tão áspera que me perguntei se as baterias do rádio estariam acabando.

- Ela? - Eu disse, sentindo uma pontada de ciúme. - Quem é ela?

- *Aquele troço grande, grande, vulgar e barulhento que ele tem!* - O rádio parecia ganhar força com sua raiva. - *Bárbaro. Sem cultura.*

O rádio estava se referindo ao novo CD player de alta tecnologia de Danny. Visões de Danny rindo nas minhas costas com uma garota furtiva, com cara de modelo, mil vezes mais bonita do que eu, desapareceram da minha mente. E então tive vontade de me chutar por pensar em algo tão trivial quando desastres reais estavam prestes a cair sobre nós. Correção: eles já haviam caído sobre nós, o Coração se fora...

- O que aconteceu? - Eu perguntei, pegando gentilmente o rádio em minhas mãos.

- Ele se transformou em uma luz. - disse o rádio.

- Ele o quê? - todos nós dissemos juntos.

O rádio continuou a zumbir tristemente.

- Foi o que aconteceu. Ele se alimentou e depois se transformou em luz.

- Alimentou-se? - Irma perguntou. - O que isso significa?

- *Das tomadas.* - disse o rádio azul, como se isso fosse óbvio e completamente normal. E para o rádio era, claro. O pequeno rádio também vivia do que James costumava chamar de "*as formas mais puras de energia*". Mas Danny?

- Você quer dizer que ele... se alimenta de eletricidade? - Eu perguntei, só para ter certeza.

- Claro. E que apetite esse menino tem! - Se o rádio tivesse um rosto, estaria sorrindo.

Nós cinco nos entreolhamos. Tínhamos lutado contra algumas criaturas malucas ultimamente, mas esta situação estava ficando cada vez mais estranha.

- Bem. - disse Hay Lin fracamente. - seja lá o que for, Danny certamente não é daqui.

Sentamos em meu quarto, contemplando sombriamente nossas opções. Elas eram deprimentemente poucas.

- Temos que conversar com o Oráculo. - disse Hay Lin.

Eu não poderia argumentar contra isso. Embora eu não gostei da ideia de ficar diante dele, e de toda a

Congregação de Kandrakar, com todos eles sabendo que eu tinha sido uma tola. E eu sabia a única opção que eu tinha era confessar. eu tive que admitir que fui descuidada. Eu era uma péssima guardiã do Coração. Eu me senti vazia e envergonhada.

Meu arganaz de estimação acariciou a minha mão. Ele se enrolou no meu colo e ficou ali quieto, o que era incomum para a criaturinha. Ele geralmente é muito ativo para um arganaz. Mas agora o seu peso pequeno e quente era um enorme conforto. Acariciei seu pelo macio suavemente.

- Precisamos realmente conversar com o Oráculo - disse Hay Lin, desta vez um pouco mais alto.

- Hummm... - disse Irma. - Mas há um problema. Sem o Coração, como chegaremos lá?

Mais uma vez, nos encaramos. Esse pensamento nem tinha me ocorrido. Mas Irma estava certa. Antes, quando viajávamos para Kandrakar, ou para qualquer outro lugar fora do nosso mundo, o Coração sempre esteve envolvido.

Acho que só então percebi a enormidade do desastre que eu criei. Até aquele momento, acho que me sentia como uma criança que tinha feito algo muito ruim, mas ainda pensava que de alguma forma tudo poderia ser facilmente consertado. Mas se não conseguíssemos nem chegar ao Oráculo? E se nunca tiver-

mos o Coração de volta? Quem éramos nós sem isso? E quanto a Kandrakar? Poderia... Danny, ou quem quer que fosse, poderia realmente ameaçar o Oráculo e a Congregação de Kandrakar?

- Nós nem somos mais Guardiãs de verdade. - eu sussurrei. Perder o Coração não afetou apenas a mim, afetou a todos nós. E se o Coração realmente tivesse desaparecido... nem ousei pensar no que isso poderia fazer com o equilíbrio entre o bem e o mal no universo.

- Will... - A mão de Taranee fechou-se desajeitadamente sobre a minha. - Não leve isso tão a sério.

- Vamos pensar em algo. - disse Cornelia suavemente.

Eu não choro com muita frequência. Mas eu sabia que se tivesse que ficar sentada ali mais um segundo com todos sendo gentil comigo, eles precisariam de um esfregão e um balde para limpar a enchente. Embalando meu arganaz, levantei-me lentamente.

- Onde você está indo? - Irma perguntou.

- Eu preciso de um pouco de água. - Eu disse, engasgado, e fui para a cozinha com as pernas bambas.

Dentinho se contorceu e eu o deixei descer. Naquele momento, honestamente, não me importava se o animal roía todos os estofados da casa. Passei um

pouco de água fria nas mãos e pressionei-as contra o rosto.

- *Senhorita Will?*

- Sim, James? - Eu respondi.

- *Tem um pouco de chocolate na minha prateleira de baixo* - afirmou James.

Chocolate. Minha cura para tudo quando eu estava me sentindo mal. Devo ter parecido horrível para James sugerir algo tão nutricionalmente insalubre.

- Obrigada - eu disse a ele.

- Você gostaria de um pouco, senhorita? - ele perguntou.

- Agora não, obrigada. - Eu disse e joguei um pouco mais água no rosto . Esta não era uma crise que pudesse ser resolvida se afogando em chocolate. Na verdade, o pensamento me fez sentir um pouco enjoada.

Sequei as mãos lentamente em um pano de prato. Eu temia voltar para os outros. Quem disse que a miséria adorava companhia nunca teve problemas como o meu. Quando olhei para meus quatro amigos e pensei no que tinha feito com eles, senti-me exatamente quatro vezes mais culpada do que antes. Eu deveria ser a líder das Guardiãs. E eu coloquei minhas amigas em apuros. Grande problema.

- *Aham. Senhorita Will?* - James limpou a voz do

seu modo mais mordomo. - *Sempre existe aquela palavrinha mágica, você sabe.*

Que palavra mágica? Eu não conhecia nenhum feitiço que pudesse recuperar o Coração, ou mesmo para nos levar até Kandrakar. Então entendi o que ele quis dizer.

- Você quer dizer... apenas dizer "*por favor*"? - Perguntei.

Ele sorriu fracamente.

- *Muitas vezes funciona.*

Refletindo sobre isso, voltei para o meu quarto. onde as outras caíram tão desanimadas quanto antes. Hay Lin e Cornelia estavam deitadas na minha cama. Taranee estava encostada na minha mesa e Irma balançava na cadeira.

- Eu tenho uma ideia. Mais ou menos - comecei.

Todss eles olharam para mim.

- Sim? - disse Taranee. - O quê?

- Eu sei que não podemos ir para Kandrakar sem o Coração. - Eu disse. - Mas e se pedíssemos ao Oráculo para nos levar até lá? Pedindo com muita educação, é claro.

- Quer dizer que você acha que ele pode ser capaz de nos ouvir? - Cornélia perguntou.

- Por que não? - disse Taranee. - Ele parece saber a maior parte do que acontece em todos os lugares.

Irma coçou a cabeça.

- Não custa tentar - ela disse.

- O que fazemos? Apenas... fechar os olhos e desejar? Ou o quê? - Hay Lin perguntou, sentando-se um pouco mais ereto na minha cama.

Dei de ombros.

- Eu pensei... talvez pudéssemos dar as mãos. Nós cinco. E fazer isso juntas. - Mesmo sem o poder do Coração, pensei que seríamos mais fortes juntas.

Hay Lin deslizou para fora da cama e sentou-se de pernas cruzadas no chão ao lado de Taranee.

- Tudo bem - ela disse simplesmente.

Irma e Cornélia também se sentaram. Olhei ao redor do círculo. Nos éramos tão diferentes. Taranee era quieta e pensativa, e às vezes um pouco nervosa. Irma era animada e engraçada e às vezes bastante escandalosa. Cornélia era a pessoa sensata, cética em relação a ideias malucas. Hay Lin era tão leve e rápida, estava sempre de bom humor, ou quase sempre. No momento. ela não parecia muito feliz.

Quando estávamos todas juntas, sempre havia piadas. principalmente de Irma, algumas provocações e muitas risadas. Não havia nada disso agora. Minhas amigas pareciam um pouco... não sei, talvez um pouco como eu me sentia: meio vazia e triste. Mas ne-

nhuma delas falou algo como: "*Eu te disse*", "*se você não tivesse sido tão estúpida*" ou "*Isso é tudo culpa sua.*"

Juntei-me a elas no chão em um círculo, cruzei as mãos com eles e fechei os olhos. *Por favor, pensei. Por favor, ouça-nos. Posso ter sido irremediavelmente estúpida e descuidada, mas as outras meninas não fizeram nada para merecer este... este vazio. Por favor.*

Houve uma sensação de vento. Uma leveza. Algo estava definitivamente acontecendo, mas não ousei abrir os olhos.

Ouvi um *Rrrrk!* assustado do Dentinho e um fraco "*Boa sorte, Srta. Will!*" de James. Então, todos os sons normais de Heatherfield, o barulho distante e o barulho do trânsito, os cliques, passos e ruídos de TV vindos dos outros apartamentos, desapareceram e só houve silêncio.

- Bem-vindas, Guardiãs.

Eu abri meus olhos. Eu estava ciente da vasta extensão do Salão da Congregação, com pilares de altura quase infinita e tetos abobadados tão acima de nós que poderiam muito bem ser o céu. Mas a única coisa que realmente vi foi o rosto do Oráculo.

Não havia censura em seus olhos, apenas uma profunda serenidade e expectativa silenciosa.

- Perdi o Coração - explodi, embora tivesse certeza de que ele já sabia o que eu ia dizer.

- Sim.

- Eu... farei qualquer coisa para recuperá-lo! - Eu gritei.

- Eu espero que não.

- O que? - Eu perguntei confuso. Isso não foi o que eu esperava ouvir.

- Espero que você faça apenas o que é necessário e certo.

Pensei nisso por um momento.

- Eu fui... enganada. - eu disse. E machucada. E humilhada. Não disse as duas últimas coisas em voz alta, mas tive uma certeza desconfortável de que ele ouviu tudo de qualquer maneira.

- Sim.

- Danny roubou o coração. - Irma disse. - Isso não está certo.

- É lamentável. E lamento a sua dor. Mas neste momento, o ladrão está em maior perigo do que você.

- Danny? Em perigo? - Hay Lin perguntou.

- Sim.

Quem estava sofrendo era eu. Por que Danny estaria em perigo?

- Você acha, Guardiã, que alguém pode manter o Coração de Kandrakar e não ser mudado por ele?

Pensando no momento em que segurei o Coração pela primeira vez, balancei a cabeça. Não. Era verdade. Tudo havia mudado desde aquele momento, tudo.

- E quem o detém ilegalmente pode ser transformado... perigosamente. Por essa razão, também, você deve reconquistar o Coração.

Ouvir que Danny estava em apuros só piorou a situação.

- Mas... onde ele está? Quem é ele? - Cornélia perguntou.

Olhei ao redor do círculo para as minhas amigas. Elas estavam tentando desvendar esse mistério e trazer de volta nossos poderes completos.

- A resposta para o que ele é, também é a resposta para onde Danny foi. Ele está em Nimbus, o lar das Salamandras Solares.

- Danny é... uma salamandra? - Irma deixou escapar. - Ele parece mais um rato!

- Uma Salamandra Solar é uma criatura de energia. Pode assumir quase qualquer forma que desejar.

De repente me lembrei do gato muito grande e de olhos muito azuis, nos observando, nos espionando... me vendo usar o Coração. Danny estava fazendo planos o tempo todo para me enganar? Fingindo gostar de mim, quando o tempo todo ele... Senti lágrimas

quentes no rosto e enxuguei-as com raiva. *Como eu poderia ter caído nessa?*

- Por que ele roubou, se é tão perigoso? - Cornélia se perguntou em voz alta.

- Como ele poderia ter vindo para Heatherfield? Se ele vive neste... neste outro mundo, Nimbus? - Hay Lin perguntou.

- Quanto a como ele veio ao seu mundo... eu disse que as salamandras podem assumir quase qualquer forma. Alguns indivíduos muito talentosos, podem não assumir forma alguma, mas viajar como energia pura. E à medida que a luz viaja pelo espaço, eles podem viajar de mundo em mundo.

Pensei no que o rádio azul havia dito: *ele se transformou em luz.*

- Como é que não vemos mais deles, então? - Taranee perguntou. Ela adorava ciência, e eu sabia que a inconsistência factual a estava incomodando. Ela precisava de mais informações.

- Porque as Salamandras estão sujeitas a um juramento. Elas são obrigadas a servir e proteger sua região e seu povo. Se Danny quebrou seu juramento de vir até você, o perigo dele é ainda maior que o seu, e você deve alcançá-lo rapidamente.

Achei que o Oráculo estava demonstrando muita preocupação com um ladrão mentiroso e trapaceiro.

Afinal, eu estava extremamente zangada. Eu me perguntei por que o Oráculo não parecia bravo. *Mas*. Eu pensei, *não importa realmente*. Eu estava brava e mais do que pronta para lutar.

- Você pode nos enviar para lá? - perguntei, minha atenção voltando para o Oráculo.

- Eu vou.

- Quando? - Irma perguntou.

Havia um sorriso no rosto do Oráculo. Era típico dele parecer sempre um passo à nossa frente.

- Agora, minha impaciente Guardiã. Agora.

Capítulo 6

Zazzzz. Cabruuuuuuum!

O tempo em Nimbus estava horrível. O trovão ressoou e ribombou ao nosso redor e os relâmpagos dividiram o céu escuro.

Relâmpagos... *relâmpagos vermelhos*.

- Então foi isso que ele quis dizer. - Eu disse, enquanto olhava em volta.

- O que? - murmurou Cornélia.

- Er... nada. - Eu podia sentir as minhas bochechas queimando. - É só que... Danny me disse que meu cabelo era da cor de um raio.

Taranee ergueu uma sobrancelha.

- Bem, pelo menos já sabemos que viemos ao lugar certo - disse ela, com um sorriso.

Os relâmpagos que disparavam incessantemente pelo céu eram de um escarlate puro e brilhante que se tornava branco apenas no centro. Eles deram ao

lugar um ar festivo. Era como se houvesse fogos de artifício sendo disparados. Eles eram lindos de se ver, isto é, até que os primeiros pedaços de granizo gelado começaram a nos atingir.

- Caramba! - O granizo atingiu Taranee bem no topo da cabeça.

- Ai! - gritou Irma, enquanto esfregava a testa onde foi atingida. - Essas coisas são difíceis!

Não só as pedras de granizo eram duras; elas eram grandes. Não foi apenas granizo, foi como levar balas de gelo.

- Temos que encontrar abrigo. - Eu gritei. - Olha, há algum tipo de luz à frente. Vamos lá.

Nós tropeçamos em meio à tempestade. Taranee e eu demos os braços para evitar cair no chão. A trilha estava escorregadia por causa do granizo, e as margens baixas e cobertas de musgo que se erguiam de cada lado dela estavam repletas de pequenos arbustos espinhosos que não gostavam de ser tocados. Eu sei: tropecei em um e levei um arranhão no braço.

Quando olhei para cima, notei um brilho diferente de luz à nossa frente. Não parecia amigável.

Cabruuuum!!!!! Craaaaash!!!!!

A luz ofuscante tornou o ar branco por um momento, depois escarlate e depois preto. Eu tropecei e

caí de joelhos, no cascalho rochoso e áspero . Eu não conseguia ver nada!

Então, gradualmente, minha visão começou a voltar. À nossa frente, a poucos passos de distância, uma árvore de aspecto atarracado ardia.

Um relâmpago o dividiu bem no meio.

- Essa foi por pouco. - murmurou Irma com a voz trêmula. - Não é seguro aqui.

Eu podia sentir o estrondo do poder acima. Eu podia sentir a tensão furiosa enquanto outro raio se preparava para explodir. Nenhum lugar parecia seguro.

- Você está certa. Não é seguro - eu disse. - Não... não como estamos agora. - Sem o Coração, eu quis dizer, mas não suportava dizer isso em voz alta. - Ao menos se Hay Lin pudesse... - Eu não tinha certeza do que dizer. *Acabar com a tempestade? Pedir aos ventos para levá-lo para outro lugar?*

Hay Lin balançou a cabeça.

- Eu já tentei. Mas... simplesmente não sou forte o suficiente sem... - ela hesitou, mas acho que ela também não queria falar sobre o Coração. - Simplesmente não sou forte o suficiente. - ela repetiu. Ela parecia tão pequena, fria e perdida. O seu cabelo preto e liso estava absolutamente grudado no crânio.

Mesmo assim, ela nos deu um sorriso trêmulo.

- Acho que só temos que fazer o que todo mundo faz: entrar em casa. - Ela espirrou.

Continuamos andando, todas de mãos dadas. Nós caminhamos através da tempestade, procurando a luz que eu tinha visto antes, antes da luz furiosa atacar. Parecia nossa única esperança. Os trovões continuavam a bater nos nossos tímpanos, mas pelo menos o granizo tinha parado e sido substituído por uma chuva gelada, embora eu não tinha muita certeza se isso representava uma melhoria. A chuva doeu bem menos, mas com certeza ficamos mais molhadas.

Finalmente, chegamos perto o suficiente para ver que a luz que havíamos seguido vinha das janelas fechadas de um pequeno poço. Suponho que fosse uma casa de fazenda. Foi parcialmente escavado na colina atrás dela, e a grama cobria seu telhado de modo que era difícil ver onde a colina terminava e a casa começava. Entramos por um portão branco, atravessamos o pátio molhado e de paralelepípedos e batemos na porta.

Quase imediatamente, ela foi aberta.

- Entre, entre... - rugiu uma voz rouca e grave.. - Não deixe sair todo o calor... - a voz parou abruptamente. - Oh, que coisa - ele disse. - Que grupinho de aparência mais estranha!

Bom, pelo menos não tínhamos chifres, como o homem que estava de frente para nós. Estava na ponta da minha língua dizer isso, mas não o fiz. Não teria sido exatamente educado. E realmente, eles eram chifres muito bonitos. Enrolado como um carneiro e cuidadosamente polido e envernizado. Além disso, e sendo bastante peludo, este homem parecia quase humano. Como um homem atarracado, forte, baixo e de meia-idade.

- Com licença... - eu disse - mas nós somos estranhas aqui e esperávamos que você nos desse abrigo da tempestade...

- Tempestade? - ele pareceu surpreso. - Há uma tempestade chegando? - Ele praticamente nos empurrou para fora do caminho para dar uma olhada no céu. Então ele suspirou de alívio. - Ah, não, isso não é nada além de uma pequena tempestade. Terminará em algumas horas. Bem, entre, entre, não fique aí se molhando.

Uma pequena tempestade? Eu tinha certeza de que aquelas pedras de granizo haviam deixado hematomas por todo o nosso corpo. Mas eu não iria discutir com o convite de boas-vindas do homem. Nós o seguimos através de um corredor semelhante a um túnel até um grande e cozinha cavernosa.

- Sra. Cuddlefleece!! - ele chamou. - Sra. Cuddle-

fleece, temos companhia!

Uma grande criatura – uma fêmea, obviamente, mesmo que não humana – ela desviou a atenção lareira acesa e da panela que ela estava mexendo para olhar assustada os esttanhos visitantes que seu marido trouxera para dentro de casa. Pelo menos, presumi que a fera com chifres fosse seu marido.

- Oh, que coisa - ela disse, assim como ele fez. - E uma companhia tão molhada também! Sr. Cuddlefleece, não apenas fique parado!! Pegue alguns roupões e toalhas! Sabão e água quente. Essas pobres cordeirinhas estão totalmente encharcadas!

- Hum, não queremos causar nenhum problema... - comecei hesitantemente, mas ela ignorou minhas objeções.

- Bobagem. Agora, tire essas coisas molhadas. Que roupas estranhas para usar ao ar livre! E traga aquela banheira grande da copa, ali. - Ela apontou com uma concha pingando.

Irma e Taranee obedeceram, parecendo tão atordoadas quanto eu. Tentando não olhar muito fixamente para nossa anfitriã maternal, olhei ao redor da sala. Das vigas escuras acima pendiam redes cheias de raízes, cebolas, frutas secas e amoras. Nas prateleiras ao redor das paredes havia xícaras, pires e travessas lindamente pintadas, e pratos esmaltados de

tamanhos e formatos variados. Quase poderíamos estar em uma cozinha campestre muito antiquada em Heatherfield. Só que a mulher que mexia o ensopado tinha lã branca e encaracolada na maior parte do corpo, ou pelo menos nas partes não cobertas pelo vestido azul e pelo avental branco. Mas não tinha chifres, no entanto. Talvez apenas os homens de Nimbus os possuíssem.

O Sr. Cuddlefleece voltou trazendo um grande pilha de roupões fofos e toalhas. Água quente de uma enorme chaleira de cobre foi despejada na banheira que Taranee e Irma haviam trazido. Era grande o suficiente para que duas de nós pudéssemos caber ao mesmo tempo. Não muito tempo depois, estávamos todas aquecidas, limpas e envoltas em mantos de lã maravilhosamente macios e longos.

- E agora - disse o Sr. Cuddlefleece - agora, talvez, você nos diga por que está aqui?

- Durante uma boa refeição quente - acrescentou a Sra. Cuddlefleece com firmeza, e serviu um ensopado branco e cremoso em sete tigelas de barro.

- Você conhece uma Salamandra chamada Danny Nova? - perguntei, torcendo para que Danny também não tivesse mentido sobre o nome dele.

- Nova? - repetiu o Sr. Cuddlefleece, e esfregou o

queixo barbudo e preto. - Há alguns Novas no caminho de Gloomsbury, não há, Sra. Cuddlefleece?

- Acredito que sim. - disse ela, enchendo a xícara dele com cidra gelada. - Mas nenhum Danny, que eu tenha ouvido falar. Esse não é um nome de Salamandra.

- Ah, e uma vez houve um Nova em Brambleton. - acrescentou o Sr. Cuddlefleece. Ele tomou um gole de cidra e parecia estar tentando se lembrar de outra coisa. - Mas não sei se ele ainda está lá. E sim, um Nova em Upper Smithwell.

Meu coração afundou.

- O que procuramos é um pouco mais alto que eu, tem... - Parei de falar. Percebi que dar uma descrição de um metamorfo não fazia sentido. As salamandras podiam assumir quase qualquer forma que quisessem, dissera o Oráculo. *Ah, não*, pensei. *Nunca vamos encontrá-lo. O que eu estava pensando*? Funguei, tentando conter algumas lágrimas desesperadas.

Senti uma mão macia e de lã branca acariciar meu braço.

- Pronto, querida. - disse a Sra. Cuddlefleece gentilmente. - Vai ficar tudo bem. Você vai ver. O que você quer com esse Nova?

A mão que acariciava meu braço tinha apenas quatro dedos. Isso tornou toda a experiência um pou-

co irreal. Mas a gentileza da Sra. Cuddlefleece era obviamente genuína.

- Ele... eu perdi... ele roubou... - Eu não conseguia continuar.

- Algo seu? - Seus olhos escuros eram simpáticos. - A maioria das Salamandras são boas, você sabe. Embora as vezes sejam um pouco... sorrateiras. E não poderíamos sobreviver sem elas. Lembre-se sempre disso! Mas, quando elas veem algo que querem... bem, elas simplesmente não são como nós. Espero que você encontre o que procura, cordeirinho. Enquanto isso, todas vocês precisam comer!

O Sr. Cuddlefleece estava certo: a "*tempestade*" durou apenas algumas horas. Tempestades reais, disse ele, podiam durar dias e eram muito mais ferozes. Eu esperava não ficar em Nimbus por tempo suficiente para testemunhar um em primeira mão.

- Obrigada por tudo, Sra. Cuddlefleece - disse Irma ao dar um breve abraço em nossa anfitriã na manhã seguinte. - Você é um salva-vidas!

- Bem, sim, pode ser - disse a Sra. Cuddlefleece. - Mas vocês se cuidem agora. Nada de andar por aí em qualquer clima sem uma capa adequada!

Capas adequadas estavam obviamente no topo de sua lista de prioridades e, dado o clima em Nimbus, podia-se ver por quê. Devido à sua generosidade, estávamos agora todas embrulhadas em mantos feitos com cobertores alterados às pressas.

- Para que lado? - disse o Sr. Cuddlefleece, que insistiu em caminhar conosco pelo menos até a próxima cidade. - Em direção a Brambleton ou em direção a Gloomsbury?

- Por ali. - eu disse instantaneamente, apontando aproximadamente para o leste.

- Então é Gloomsbury. - disse ele, e virou à direita, saindo do portão.

Caminhamos um pouco em silêncio.

- Por que esse? - Taranee me perguntou.

- Não sei. - Eu disse. Olhei para cada um dos meus amigos. - Simplesmente... parecia certo.

- Você parecia muito certa. - Hay Lin disse.

- Eu parecia? - Eu tinha muita certeza, percebi. Era muito estranho, não houve hesitação alguma. - Ah! - eu disse, parando.

Cornélia quase esbarrou em mim.

- Qual o problema com você? - ela perguntou, assustada.

- Eu só... - eu disse. - Acabei de perceber. Eu sei o caminho.

- O quê? Como sabe? - Irma perguntou, puxando meu braço.

Coloquei a mão no peito.

- Eu posso sentir isso. Posso sentir o Coração.

Assim como um girassol sabe onde está o sol e um pombo-correio sabe para onde voar. Eu sabia. Sorri loucamente e tive vontade de rir pela primeira vez desde... bem, desde o Trem Fantasma.

- Ele não vai escapar impune. Eu sei onde ele está. Ele pode correr, mas não pode se esconder... - eu disse. Tive vontade de dar cambalhota, ali mesmo na pista lamacenta, fiquei muito feliz.

- Tem certeza? - perguntou Cornélia.

Eu balancei a cabeça.

- Bem, ótimo - disse Irma, sorrindo. - Então, tudo o que temos que nos preocupar é como tirar o Coração dele quando chegarmos até ele.

Houve um trovão e o céu de repente ficou mais escuro.

- Meninas - chamou o Sr. Cuddlefleece. - Você deve se apressar agora. Há outra tempestade se aproximando e precisamos chegar ao próximo abrigo.

Olhei para Irma.

- E espero que não sejamos atingidos por um raio antes de chegarmos lá.

A chuva caía com tanta força que parecia formar uma camada sólida. O abrigo onde estávamos todos amontoados era mais uma espécie de buraco escavado na colina. O Sr. Cuddlefleece nos explicou que havia tais abrigos ao longo de todas as estradas razoavelmente movimentadas em Nimbus. Foi útil ter esses lugares seguros para descansar e ficar longe da tempestade violenta.

Enquanto esperávamos a última tempestade passar, tive que fazer uma pergunta que estava me incomodando desde o jantar da noite anterior.

- O que a Sra. Cuddlefleece quis dizer quando disse aquilo sobre... sobre não ser capaz de sobreviver sem Salamandras? - Eu perguntei hesitante.

Cuddlefleece limpou um pouco de água da chuva de sua cabeça lanosa. Seus chifres molhados brilhavam no espaço sombrio.

- De onde você é? - ele perguntou. Sua pergunta não foi cruel, mas curiosa. - Não há Salamandras onde você mora?

Eu balancei minha cabeça.

- Danny foi o primeiro que conheci.

- Quem protege você dos raios, então? - perguntou o Sr. Cuddlefleece.

- Temos um... - comecei, procurando as palavras certas. - Uma espécie de dispositivo que você coloca nas casas. Chama-se pára-raios.

- Ah - ele disse. - Um amuleto protetor. Bem, isso pode funcionar bem para alguns, eu suponho. Mas por aqui, depositamos nossa confiança em uma boa Salamandra.

Ah, Claro. pensei *As salamandras se alimentam de eletricidade. Eles seriam capazes de comer relâmpagos. Consuma. E se as últimas doze horas servirem de referência, os relâmpagos certamente foram mais do que abundantes em Nimbus.*

O Sr. Cuddlefleece ergueu a cabeça.

- A tempestade está diminuindo. - disse ele. - É melhor seguir em frente se quisermos chegar um antes da próxima.

Próxima? Olhei para a clima fechado e depois para minhas colegas Guardiãs.

- Taranee... - eu disse em voz baixa. - Você poderia fazer algo sobre isso? Tipo, nos manter secas?

- Vou tentar - disse ela sombriamente. - Mas não é fácil. Nada é fácil agora.

Eu sabia que ela queria dizer agora que não temos o Coração, e me senti culpada novamente.

- Talvez seja melhor não, então - eu disse. - Talvez

seja melhor todos nós economizarmos nossa energia para... para quando ela for realmente necessária.

E então nós caminhamos na chuva apenas com as capas da Sra. Cuddlefleece como proteção. Eu estava mais quente do que antes, mas ainda tinha uma sensação de arrepio.

Como iríamos encontrar Danny?

Capítulo 7

- Oh, não - eu disse cansada. - Precisamos ir por esse caminho. - Apontei para o norte quando chegamos a uma bifurcação na estrada.

- Tem certeza? - disse Irma igualmente cansada. - Quero dizer... estamos quase lá.

Na verdade, podíamos ver Gloomsbury ao longe, e teria sido tão bom, tão confortavelmente perto, se Danny estivesse ali. Mas, infelizmente, não foi.

- Por ali - repeti.

- Bem, se vocês têm certeza, moças. - disse o Sr. Cuddlefleece em dúvida. - Mas esse é o caminho para Lilypond. Receio que você esteja sozinho, então, ou não poderei voltar para a Sra. Cuddlefleece esta noite.

- Qual é a distância até Lilypond? - perguntou Cornelia com ceticismo.

- Ah, pelo menos mais meio dia de viagem, se tiver

a sorte do tempo continuar tão bom quanto antes. Por que você não vai ver a Salamandra de Gloomsbury, agora que está aqui? Ela pode saber mais sobre esse seu Danny Nova do que eu. Eu acredito que ela mesma é uma Nova. Solana, é o nome dela.

Parecia muito mais atraente do que caminhar muitos quilômetros na lama, especialmente se meu instinto se mostrasse errado. Mas não era. Eu sabia, sem dúvida, que não era.

- Não custa nada perguntar. - disse Hay Lin com naturalidade. - Agora que estamos aqui.

O Sr. Cuddlefleece nos levou além da cidade (quase toda composta de casas baixas e cobertas de turfa como a dele, notei) até o que ele chamava de Torre da Salamandra, logo ao norte da cidade. *Bem, pelo menos estava na direção certa*, pensei, impaciente. Quando começamos a subir a colina até a imponente entrada Torre da Salamandra de Gloomsbury, houve outro estrondo massivo. e um estalo de eletricidade acima.

O Sr. Cuddlefleece parou no meio do caminho.

- Opa! - ele disse. - Para cima ou para baixo, moças? Decidam rapidamente, por favor; ser pego no meio do caminho não é uma boa ideia.

- Acima. - Eu respondi imediatamente. - Se nós descermos agora, teremos que escalá-lo novamente mais tarde.

- Bem, então vamos torcer para que a nossa Salamandra esteja fazendo o trabalho dela. - disse ele, lançando um olhar cauteloso para o céu.

Relâmpagos escarlates brilharam no céu. O ar estava tão carregado de estática que o casaco de lã do Sr. Cuddlefleece frisou. *Pelo menos não estava chovendo naquele momento*, pensei. E então avistei algo que quase me tirou o fôlego.

Era enorme, branco e absolutamente deslumbrante. A criatura parecia um dragão, com pescoço comprido e asas enormes e onduladas. E tinha um brilho como o de uma estrela contra o céu da meia-noite. A criatura estava subindo, mergulhando. e girando alegremente nas correntes de ar.

Mais relâmpagos estalaram no céu. Eu tinha uma vaga lembrança da aula de ciências e da pipa de Benjamin Franklin. A criatura era tão alta, tão grande, que me perguntei como não poderia ser atingida.

Linhas brilhantes de luz carmesim ziguezagueavam ao redor da criatura. As asas brancas pareciam se espalhar cada vez mais. O raio caiu, uma, duas vezes, e a criatura foi atraída por ele, batendo aquelas asas contra as listras cor de rubi.

Acho que gritei.

O Sr. Cuddlefleece riu, um som estrondoso de puro alívio.

- Ah, lá está ela. - disse ele. - Bem, devemos estar seguros o suficiente agora. - E ele simplesmente continuou subindo a colina.

Eu ainda estava esperando com medo de ver a magnífica criatura lá em cima carbonizar, queimar e cair no chão. Não aconteceu. Ele subiu ainda mais alto. E então percebi do que o Sr. Cuddlefleece estava falando. A criatura era a Salamandra de Gloomsbury, claro. Ela estava fazendo seu trabalho. Ela estava ingerindo o raio.

Chegamos à torre no topo da colina. Era de longe o prédio mais alto da região (o único prédio alto, na verdade) Isso fazia sentido, eu supunha. Construir algo alto naquele lugar seria convidar um raio a cair, e ninguém além de uma Salamandra gostaria de fazer isso.

O Sr. Cuddlefleece bateu no portão da torre e entrou. A Salamandra ainda estava lá em cima, embora aparentemente não houvesse mais ninguém por perto. Subimos uma escada em espiral até uma sala grande e vazia no topo. No meio dela ardia um fogo, numa lareira larga e redonda de pedra. Numa prateleira que ocupava metade da sala havia uma estranha coleção

de objetos (algumas lentes de vidro de tamanhos variados; um pequeno moinho de vento de brinquedo; algum tipo de amuleto; e o que pareciam ser alguns pedaços de carvão). Apesar do fogo, fazia frio lá em cima, devido à brisa que entrava por uma grande porta em arco que dava para uma varanda.

- Está congelando aqui - disse Hay Lin, batendo os dentes. - Quando ela vai voltar?

- Quando ela lidar com a tempestade. - disse o Sr. Cuddlefleece. - Pode não demorar muito. É só um pouquinho.

Comecei a perceber que o que considerávamos "pequeno", no que diz respeito às tempestades, não era o mesma que a do Sr. Cuddlefleece.

Não demorou muito para que a criatura branca e brilhante pousasse na varanda, encolhesse um pouco, solidificasse e desaparecesse atrás da parede. Um momento depois, um lobo branco muito grande entrou na sala.

- Oh - disse o lobo, nos avistando. - Desculpe. Um momento.

Houve um borrão de luz, tão ofuscante que tive que fechar os olhos, e então uma sensação de calor intenso. Quando abri os olhos novamente, uma imponente mulher Nimbus, mais ou menos do tamanho da

Sra. Cuddlefleece, mas muito mais elegante, estava onde o lobo havia se agachado um momento antes.

- Não sabia que tinha visitas - disse a Salamandra. - Eu não recebo muitas.

Havia apenas um toque de solidão naquela voz? Havia algo estranho numa criatura que se alimentava de raios. Com três transformações em poucos minutos deixaram todos nós incertos quanto com quem ou com o que estávamos conversando na torre. Mas eu achei que a Salamandra de Gloomsbury era linda lá fora, contra o céu escuro como ardósia, e havia nela uma sensação de vida que me lembrou Danny.

- Bom dia, Madame Solana - disse o Sr. Cuddlefleece. - Essas moças viajaram muito para vir aqui, para fazer perguntas sobre alguém que poderia ser um parente seu."

- Oh? - ela disse, nos observando por sua vez. Ela não havia mudado os olhos, notei, eles ainda eram do amarelo predatório do lobo. - E quem poderia ser?

- Ele se chamava Danny - eu disse hesitante. - Mas não sei se esse era o nome verdadeiro dele.

Ela o conhecia. Eu poderia dizer imediatamente. Mas ela não deixou transparecer no início.

- Esse não é um nome de Salamandra. - disse ela, exatamente como a Sra. Cuddlefleece havia dito.

- Por favor, Madame Solana. Ele levou algo que me

pertence, algo que é perigoso para ele. Temos de recuperá-lo. Tanto para o bem dele como para o nosso.

- Então. O que é essa coisa perigosa? - ela perguntou, seus olhos de lobo firmes em meu rosto.

Eu não poderia contar a ela. "*Uma salamandra que sentiu o Coração ansiaria por segurá-lo*". A voz do Oráculo estava na minha cabeça. E de repente eu entendi. Eu não queria trocar um ladrão por outro.

- É só... uma lembrança. - murmurei, pouco à vontade. - Mas foi-me dado por alguém importante e é meu por direito.

- E agora você o quer de volta - disse ela.

- Sim - eu sussurrei.

Ela olhou para mim pelo que pareceu um longo tempo, seus olhos amarelos ilegíveis. Então ela inclinou a cabeça.

- Não posso ajudá-la -disse ela.

A mão do Sr. Cuddlefleece fechou-se em volta do meu cotovelo com muita força.

- Madame Solana está cansada do voo. - disse ele com urgência. - Não devemos nos intrometer por mais tempo.

A forma feminina da Salamandra começou a tremer. Pequenos fios de luz se desenrolavam do velo branco e encaracolado que se parecia tanto com o da

Sra. Cuddlefleece. E os olhos amarelos brilharam ainda mais dourados do que antes.

- Eu não posso ajudá-lo. - ela repetiu, e sua voz soou tensa. - Por favor saia.

- Imediatamente, senhora. - O Sr. Cuddlefleece praticamente nos empurrou porta afora e desceu as escadas.

- Corra! - ele disse com uma voz constrangida. - Saia da colina. Agora!

Havia tanta urgência em sua voz que não paramos para interrogá-lo. Nós apenas corremos. No meio da descida, houve uma explosão de luz atrás de nós e o chão tremeu. Um lamento furioso pareceu fazer vibrar todos os ossos do meu crânio, como uma broca de dentista, só que pior. E havia uma palavra naquele lamento. Um nome.

Halidan!

Esse era o nome verdadeiro de Danny? Achei que devia ser.

Houve um movimento de enormes asas brancas acima de nós. Abaixei a cabeça, mas não éramos o alvo pretendido da Salamandra. Montando o vento, ela subiu em espiral, cada vez mais alto. E então ela partiu, na direção de Lilypond.

- Ah. - disse o Sr. Cuddlefleece, levantando-se len-

tamente. - Sinto muito, meninas. Receio ter lhes dado um mau conselho.

Também achei. Não demorou muito para descobrir que Madame Solana estava perseguindo Danny. E pelo som daquele grito, suas intenções estavam longe de ser amigáveis.

- Eu criei esse problema para você - disse-me o Sr. Cuddlefleece. - O mínimo que posso fazer é ajudá-lo a sair dessa.

- Mas e a Sra. Cuddlefleece? Você não chegará em casa ao anoitecer como você prometeu.

- A Sra. Cuddlefleece vai entender. Agora, quer ir para Lilypond, ou não?

- Nós temos. - disse Cornélia. - E rápido também. Estou congelando.

Tivemos (disse-nos mais tarde o Sr. Cuddlefleece) muita sorte com o tempo. O que isso significava era que só precisávamos nos proteger duas vezes na viagem de meio dia até Lilypond. Mesmo assim, a lama que cobria nossos tornozelos ficou mais fria e nossas pernas estavam ainda mais cansadas. Invejei as asas de Madame Solana. Ela chegaria lá muito antes de nós, e esse pensamento me deixou muito inquieto.

Ao nos aproximarmos de Lilypond, começamos a encontrar algumas pessoas saindo de lá. Cuddlefleece conversou calmamente com uma família, cujos pertences pareciam estar carregados em uma carroça baixa puxada por dois novilhos de aparência descontente.

- A casa pegou fogo. - disse o homem, esfregando os chifres em frustração. - O que poderíamos fazer? Não queríamos construir um novo em um lugar onde a Salamandra não fosse adequada para fazer seu trabalho. Perda de tempo e perigoso também. Temos parentes no caminho de Upper Smithwell.

Sua esposa estava tentando confortar um de seus filhos, um menino pequeno e peludo que chorava de cansaço.

- Pronto, pronto, cordeirinho. - ela cantarolou. - Pronto pronto... - Ela parecia tão exatamente com a Sra. Cuddlefleece que senti uma estranha pontada de saudade da pequena casa de fazenda coberta de turfa onde passei apenas uma noite.

Lilypond era uma visão lamentável. Quase não havia nenhuma árvore em pé, e muitas casas foram completamente queimadas, enquanto outras tinham grandes manchas carbonizadas no telhado.

O Sr. Cuddlefleece estalou a língua em desaprovação.

- Bem, aqui estamos. - disse ele. - Tal como está. A Torre da Salamandra deveria estar ali. - Ele apontou para o norte. - Você quer fazer uma refeição primeiro? Não é bom enfrentar o que quer que você esteja enfrentando com o estômago vazio.

Eu balancei minha cabeça. Eu podia sentir o Coração agora, tão forte que doía, como uma dor por dentro, em algum lugar perto das batidas do meu próprio coração. Eu não aguentava mais esperar.

- Bem, o que fazemos? - disse Irma. - Nós não podemos simplesmente ir até lá, bater na porta dele e exigir que ele nos devolva o Coração. Ou podemos?

Uma parte de mim queria correr e fazer exatamente isso. Qualquer coisa, só para que eu pudesse estar inteira novamente. Mas pensei nas palavras do Oráculo: *Espero que você faça apenas o que é necessário e certo*. E então pensei na aparência de Madame Solana pouco antes de fugirmos de sua torre. Sem o Coração, eu me sentia irremediavelmente fraca. Eu não tinha certeza se queria ficar entre ela e qualquer coisa que ela quisesse sem o poder do Coração.

Esfreguei meu peito dolorido com a mão fria.

- Talvez precisemos primeiro dar uma boa olhada no que estamos nos metendo - eu disse. - Afinal, não seremos capazes de simplesmente destruir qualquer resistência com magia.

- Não podemos nem nos transformar - disse Cornelia sombriamente. - Por mais que eu adorasse sair desses trapos molhados. Estamos praticamente presas em sermos normais.

- Bem - disse Irma com determinação. - É bom que não sejamos apenas mágicas e bonitas, também somos muito inteligentes!

Não pude deixar de sorrir com o comentário de Irma. Com exceção de Cornelia, que conseguiu fazer com que o cobertor-capa feito em casa parecesse um acessório chique, éramos um grupo de aparência esfarrapada: com frio, molhadas, sujas e, se eu pudesse servir de referência, completamente assustados.

- Ótimo - eu disse. - Com tudo isso e um bom cérebro também. Como podemos perder?

. Tarance sorriu severamente. Hay Lin, certamente sentindo mais frio do que qualquer um de nós, sendo de longe a mais leve, produziu um sorriso alegre, embora seus dentes batessem descontroladamente.

- Isso dará uma ótima história quando voltarmos para casa - disse ela.

- Sim. - disse Cornélia. - Pena que não podemos contar a ninguém.

A Torre da Salamandra ficava muito acima da cidade de Lilypond, no topo de uma montanha. Havia uma estrada que levava até lá, ou melhor, uma trilha de carroças, dois sulcos lamacentos que pareciam mais ser uma forma de a água descer a colina do que uma forma de as pessoas subirem.

Pelo visto, alguém já havia desistido da ideia: uma carroça abandonada, com uma das rodas quebrada, estava parada ao lado da pista, como um cachorro paciente esperando a volta do dono.

Começamos a subir, escorregando e escorregando na lama nos trechos mais íngremes. Cuddlefleece continuou olhando ansiosamente para o céu, mas pela primeira vez ele parecia claro e quase primaveril.

- Quase lá. - disse ele. - Você quer... - Ele nunca terminou a pergunta.

Houve uma onda de luz ofuscante e um estrondo enorme e ecoante. Todos nós fomos jogados no chão nossas costas, e por um momento não pude fazer nada a não ser ficar ali deitado, deitado na lama, com os ouvidos zumbindo e sem fôlego.

Bram! Bram! Bram!

Seguiu-se uma série de estalos agudos, quase como tiros. Por apenas um instante, vi a torre quadrada e austera, negra contra um céu completamente

escarlate com raios. Então senti a mão forte do Sr. Cuddlefleece puxando-me para ficar de pé.

- Corra, garota!!! - ele disse. - Corra para salvar sua vida. Isso é uma tempestade de salamandras!!. - Suas narinas largas ficaram vermelhas e um anel branco de pânico circundava seus olhos escuros normalmente plácidos. Eu não tinha absolutamente nenhuma dúvida de que ele pensava que era fugir ou morrer.

Eu não queria. Fiquei enraizada no local. o peito doendo, querendo apenas uma coisa: subir, agarrar o Coração e arrancá-lo de quem o havia tomado.

O Sr. Cuddlefleece não aceitava nada disso. Sua cabeça baixou tão rapidamente que por um momento pensei que ele iria realmente me dar uma cabeçada com seus chifres, mas em vez disso ele bateu o ombro na minha cintura, passou um braço em volta das minhas pernas e me levantou de modo que eu ficasse pendurada de cabeça para baixo sobre suas costas largas e fortes.

- Há um abrigo ao pé da trilha! - gritou ele. - Corram, meninas. Cheguem lá!

Ao lado do caminho, um pequeno abeto pegou fogo de repente em meio a uma torrente de chamas. O ar estava cheio de faíscas e agulhas ardentes. Um rugido de vento desceu a colina, fazendo com que o

Sr. Cuddlefleece tropeçasse e caísse de joelhos, mas ele ainda conseguiu me segurar.

- Me deixar ir. - gritei. - Eu vou correr. Eu prometo que vou correr.

Eu estava atrasando ele. Ele não conseguiria, eu não conseguiria, a menos que nós dois usássemos toda a velocidade que tínhamos. Ele mal parecia me ouvir. Bati freneticamente em suas costas com os punhos, e então houve outra rajada de vento, ainda mais forte que a primeira.

Ele tropeçou novamente, gritou de dor e desta vez teve que me soltar. Caí para frente, de bruços na lama que não estava mais fria, mas fumegante. Não houve tempo para contar os hematomas e os pontos sensíveis. Rolei, fiquei de pé e procurei freneticamente em volta pelo Sr. Cuddlefleece.

Ele de bruços na lama, ofegante.

- Corra - ele murmurou. - Garota, você vai correr?

- Não sem você. - eu disse a ele. Irma estava ao meu lado agora, tentando colocar o outro braço em volta dos ombros dela.

- Por favor, levante-se, Sr. Cuddlefleece!! - ela gritou.

O fogo descia a colina em pequenos rios, saltando de tufo em tufo de grama e de arbusto em arbusto. O trovão dividiu o ar.

- Não posso, mocinha. - disse o Sr. Cuddlefleece. - Você vai ter que me deixar aqui.

- Não. - Eu disse. - De jeito nenhum! Taranee, você tem que conter o fogo!

Taranee parecia sombria. Ela sabia que não havia muito que pudesse fazer sem o poder total do Coração.

- Cornelia, você deveria ser capaz de mover objetos sólidos. - disse Irma. - Sr. Cuddlefleece é o mais sólido possível!

Cornélia empalideceu.

- Mas ele está vivo - disse ela. - Não sei se consigo mover algo vivo. Além disso, não temos o Coração!

- Então, em vez disso, mova outra coisa - disse Hay Lin. - Mova aquele carroça abandonada que vimos. Vou ajudar e tentar deixar ele mais leve.

- Mas rápido, por favor - eu disse.

- Meninas. - disse o Sr. Cuddlefleece, com uma voz estranhamente frenética e cansada ao mesmo tempo. - Não. Deixem-me. Salvem-se.

- Não! - Eu disse, voltando-me para ele. - Se você acha que tenho alguma intenção de contar a senhora Cuddlefleece que nós a deixamos em uma encosta em chamas no meio de uma... de uma tempestade de Salamandras, você está muito enganado!!

Ele olhou para mim com uma expressão assustada, como se nunca esperasse que um "cordeirinho" falasse assim com ele. Ele abriu a boca e depois fechou novamente.

Com um baque e um chocalho, a carroça quebrada chegou ao nosso lado.

- Conseguimos!!! - disse Cornélia. E então ela tropeçou e sentou-se de repente, apertando as têmporas. - Ai! Minha cabeça!

Hay Lin não parecia muito melhor, pálida e ofegante. Mas não tive tempo para isso.

- Taranee! Como você está?

- Apenas se apresse! - ela disse com os dentes cerrados, desviando outra rajada de chamas e enviando-a para um lado da pista.

- Irma - eu disse. - Ajude-me a colocar o Sr. Cuddlefleece no carrinho.

- E a roda quebrada? - Taranee perguntou, apontando para o carrinho.

Tentei prendê-lo com mais firmeza. Eu não tinha certeza se isso adiantava muito.

- Teremos apenas que manter o carrinho firme entre nós. - eu disse em voz alta. - De qualquer forma, é uma descida.

Colocamos o Sr. Cuddlefleece em... bem, não em seus pés, porque um deles pendia inutilmente e pare-

cia muito quebrado, mas no pé bom. Apoiado por Irma e por mim, ele pulou na carroça e deslizou nela com um suspiro pesado.

- Irma, você pode ajudar Taranee? - Perguntei. - Ela não pode observar o fogo e ver para onde está indo.

- Claro - disse Irma. - Talvez eu consiga apagar alguns incêndios também.

O trovão explodiu novamente. A colina tremeu sob nossos pés.

- Hay Lin, Cornelia, eu sei que vocês estão cansados, mas vocês realmente precisam ajudar com o carrinho. - Eu chamei por cima do ombro.

Hay Lin acenou com a cabeça, cansado, e foi para o lado da carroça. Cornélia ainda estava sentada na pista, segurando a cabeça.

- Cornélia? - Eu disse.

- Vá embora! - ela murmurou. - Minha cabeça dói muito.

Ela se esforçou, trazendo aquele carrinho para nós. Não sobrou nada, nem força, nem energia....

Energia. *Bem, essa deveria ser a minha área, não era?*

- Cornelia. - eu lhe disse, caminhando até ela. - Eu tenho um presente para você.

Surpresa, ela olhou para cima. Eu coloquei a mão ambos os lados do rosto dela. E eu dei força a ela.

Então toquei o rosto cansado de Hay Lin. Depois Irma e Taranee. Meus próprios ombros cederam. Uma dor pequena e latejante estava começando atrás das minhas têmporas. Enquanto isso, Cornelia levantou-se lentamente e parecia um pouco menos dolorida.

- Por que você fez isso? - ela disse. - Agora nós duas estamos ambos cansados.

- Sim - eu disse. - Mas um pouco menos agora.

Os ventos rugiram e os trovões nos atingiram. O fogo varreu a colina. Mas conseguimos descer, todas nós juntos.

Este abrigo também era pouco mais que um buraco na encosta. Mas era uma proteção contra as tempestades de granizo e os relâmpagos escarlates.

Não tínhamos comida e apenas uma garrafa de água morna entre nós. Nós compartilhamos isso. Então tudo que podíamos fazer era esperar.

- Como está seu tornozelo? - Perguntei ao Sr. Cuddlefleece.

- Ainda quebrado... - ele grunhiu. - Mas vai curar. Agora que você deu a chance. Obrigado, mocinhas.

Eu sorri.

- Quando precisar é só pedir. - Então um bocejo me pegou. - Contanto que não seja tão cedo.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que me senti tão cansado. Meu peito doeu. Muito mais do que uma dor agora, era uma dor profunda e desesperada. Se aquela tempestade não parasse logo, eu teria que ir direto para ela ou dizer aos outros para me segurarem para que eu não parasse. Eu queria o meu Coração de volta. Foi quase tudo em que consegui pensar.

- O que é uma tempestade de Salamandras? - perguntou Irma, a curiosidade surgindo mesmo em meio à exaustão.

- Uma tempestade feita por uma salamandra - disse simplesmente o Sr. Cuddlefleece. - Isso geralmente só acontece quando eles brigam.

Ouvi o rugido do fogo e os tremores da colina.

- Eles fazem isso com frequência?

Ele sorriu cansado.

- Não. Nunca. Se fizessem isso com mais frequência, Nimbus seria um deserto.

Danny devia estar lutando contra Solana e eu queria desesperadamente saber quem estava ganhando.

Capítulo 8

Já era quase de madrugada quando os ventos violentos diminuíram e os estrondosos estrondosos dos trovões pararam. Alguns dos outros dormiram um pouco. Eu não dormi. A dor no meu peito me manteve bem acordada.

- Eu estou subindo. - Eu disse a Taranee, baixinho, para não acordar o adormecido Sr. Cuddlefleece.

- Eu irei com você - ela disse rapidamente.

- Vamos todas com você - disse Irma.

- Vocês não precisam. - Eu disse às minhas amigas. - Vocês fizeram o suficiente. - Sem Taranee e Irma, nós definitivamente não teríamos saído da colina sem se queimar. Sem Cornelia e Hay Lin, nós não poderíamos ter salvado o Sr. Cuddlefleece. Elas já travaram uma batalha. Como eu poderia arrastá-las em outra tão cedo?

- Não é você quem está sempre nos dizendo que

somos mais fortes e mais poderosos juntos? - Hay Lin perguntou, com um sorriso cansado.

- Sim. - Eu disse. - Eu acho que eu falei isso.
- Bem, e então? - Cornélia suspirou.
- Sim. Tudo bem - eu disse. - Vamos.

Saímos do abrigo, deixando o Sr. Cuddlefleece ainda dormindo, sem saber o que estávamos prestes a fazer. A zona rural estava quase irreconhecível. Na encosta outrora verde, nada vivia. Tudo estava carbonizado, marcado por cicatrizes de raios...

- Que visão deprimente - disse Irma.
- Sim... - Suspirei em reconhecimento. - Vamos indo.

Qualquer Salamandra que tivesse vencido ficaria cansada depois daquela batalha, pensei. *Mas mais cansada do que estávamos*?

Mal conseguíamos andar; como iríamos lutar, quanto mais lutar contra uma salamandra? Mesmo assim, colocando um pé na frente do outro, caminhamos. Talvez a força para lutar viesse também, quando realmente precisássemos.

Subimos a colina. Acima de nós erguia-se a Torre da Salamandra, quadrada, escura e ameaçadora. E então parei abruptamente.

Nos degraus que levavam à torre estava agachado um enorme lobo branco, observando-nos com firmeza, com um olhar amarelo sombrio e sem piscar.

- É ela. - Eu sibilei. - É Madame Solana. Acho que isso significa que ela ganhou.

O que aconteceu com Danny? O *que aconteceu com o Coração*?

Estava lá. Na torre. Eu podia sentir isso.

Dei mais um passo à frente e fiquei o mais alto que pude.

- Vamos passar. - Eu disse a Solana. - Não vamos machucar você se você nos deixar passar.

Meus braços pareciam que estavam prestes a cair. Meu peito estava em chamas. Eu tinha meia dúzia de arranhões, hematomas e pequenas queimaduras, e não restava nenhuma energia. Eu não poderia tê-la machucado mesmo se quisesse, mas esperava que ela não soubesse disso. Devagar. Eu levantei às minhas mãos. Eu sabia que as outras, espalhadas em semicírculo atrás de mim, tinham feito o mesmo.

O lobo levantou-se. Ela rosnou. Seu pelo branco parecia menos que imaculado, quase pálido. Ela bocejou, me olhando bem no rosto. E então ela escapuliu, deixando os degraus da torre abertos e livres.

Eu não pude acreditar.

- Isso... funcionou! - exclamei.

- Aparentemente. - disse Cornélia. - A menos que seja uma armadilha?

- Só há uma maneira de descobrir. - eu disse, não disposto a esperar nem mais um minuto. Se eu tivesse energia. Eu teria subido esses degraus correndo. O Coração estava tão perto agora que senti que poderia simplesmente estender a mão e pegá-lo.

No topo da escada havia uma sala muito parecida com a lareira circular, a estante de troféus, a porta e a varanda de Solana. *Mas onde estava o Coração?* Olhei em volta descontroladamente.

Danny entrou pela porta da varanda. Eu congelei. *Danny? Mas pensei que Solana tinha...*

- Pensei que você tivesse perdido - explodi.

- Não. - ele disse, sem sorrir. - Eu venci. - Ele fez uma careta com o que parecia ser uma satisfação amarga. - Ela não será capaz de mudar de forma por um bom tempo. Ela terá que mancar para casa usando aquele velho disfarce de lobo durante todo o caminho.

Havia algo diferente nele. Não fisicamente, talvez ele tivesse a forma que eu conhecia, os ombros fortes e quadrados, o cabelo ruivo, os olhos. Mas algo mais foi mudado.

E então percebi o que era. A alegria havia desaparecido dele.

- Estou muito forte agora. - ele me disse. - Mais forte do que antes. Não acho que você poderia lutar comigo e vencer.

- Me teste. - Eu disse com raiva, mesmo sabendo que ele provavelmente estava certo. Ele tinha o Coração. Eu não. Ele derrotou Solana, e a mandou correr de volta para a Torre em Gloomsbury.

- Só se você me obrigar - disse ele. - Estou bastante cansado de lutar. - Ele esfregou a testa. - Solana foi a terceira em dois dias. Ela era de longe a mais forte das três, é claro, mas agora eu sou mais forte do que qualquer um.

Dei um passo à frente. Ele me olhou com cautela.

- Devolva-me o Coração - eu disse.

- Por que? - ele perguntou. Ele era muito alto e forte.

Por que? Eu não podia acreditar que ele pudesse me perguntar isso.

- Porque não é seu. - eu finalmente disse.

- É agora. - ele respondeu.

- Não. - eu lhe disse. - Senti o poder das minhas amigos ao meu lado. - Você pode segurá-lo, mas eu sou seu guardião.

- Você não guardou muito bem, não é? - Danny riu.

Isso doeu.

- Você me enganou. Você mentiu para mim. - Eu disse para ele. - Você disse que gostava de mim. - Eu estava muito cansada e tudo doía, o meu peito era o pior de tudo. Caso contrário, talvez eu não tivesse dito as últimas palavras.

Na verdade, ele desviou o olhar por um momento. *Poderia haver consciência em uma salamandra*?

- Se vale de alguma coisa - Danny disse muito suavemente. - Eu não menti sobre gostar de você.

- Bem, isso não é fofo? - murmurou Cornélia sarcasticamente.

- Isso não impediu você de me roubar! - Chorei. Com raiva, dei outro passo à frente.

- Espere - disse ele. - Não chegue mais perto. Não quero brigar com você, Will, mas se for preciso...

A dor como a lâmina de uma faca me atravessou. Ajoelhei-me e caí para a frente no chão frio de pedra.

- Will! - Taranee gritou e correu para mim, tentando me levantar. Irma estava do outro lado de mim num piscar de olhos.

- Will. - Irma sibilou ferozmente. - O que há de errado? Ele machucou você?

Meus olhos arderam, mas não havia como eu chorar na frente daquele canalha. Lutei para ficar de joelhos e pisquei com raiva, lutando contra as lágrimas.

Danny também estava de joelhos. Ele estava com a mesma expressão de dor que sem dúvida estava em meu rosto.

- Dói - disse ele, suavemente.

E por um momento vi uma sugestão do velho Danny. O doce menino com lindos olhos.

- Will, por que está doendo? - ele implorou.

- Não é seu. - Consegui dizer, através dentes cerrados. - Você tem que desistir. Se não o fizer, isso irá destruí-lo.

- Mas é tão poderoso. - disse ele, com uma voz estranhamente infantil. - Todos eles querem. Solana disse que viu primeiro; foi ela quem me disse que isso existia. Mas ela não poderia ir buscá-lo, poderia? Eu fiz isso. Fui eu quem descobriu como. E agora todos eles continuam vindo para tentar tirar isso de mim. - Por um momento seu rosto se contorceu, feio de fúria. - Você também! Você também quer pegá-lo.

E de repente eu sabia que não era isso que eu queria.

- Não - eu sussurrei. - Não vou tirar isso de você. Mas se você me der, eu aceitarei.

Isso pareceu deixá-lo surpreso, e às outras também.

- Will! Você não pode deixá-lo ficar com isso! - disse Irma, horrorizada.

Eu me preparei contra a dor e balancei a cabeça.

- Sim. Eu posso. Tem que ser assim. Você não vê? Não pode ser tomado. O Coração pode ser dado e aceito, mas se você tomá-lo à força, tanto aquele que o recebe quanto aquele que é retirado pode ser destruído.

Houve um silêncio mortal na sala fria e vazia.

- Destruído? - disse Danny, hesitante.

- Sim. Isso não está destruindo você? - Perguntei. - Isso não está destruindo as Salamandras e o mundo que elas deveriam proteger?

- O Coração não faria isso. - disse Taranee. - Não para nós!

- Não é o Coração que está fazendo isso. Somos nós. Porque nossas ações nos mudam. Assim como as ações de Danny estão mudando ele. Você costumava sorrir o tempo todo, Danny. Você era pessoa mais feliz que eu já conheci. Você está feliz agora?

- Não - disse ele, muito calmamente. Ele sentou-se sobre os calcanhares, abraçando-se como se algo dentro dele doesse. - Isso está... destruindo você? - ele perguntou suavemente. - Eu nunca quis fazer isso, Will. Eu juro.

Eu queria acreditar nele. Acho que, no fundo, sim. Não havia maldade em Danny. Apenas travessuras e muita curiosidade.

- Você pode me devolver o Coração? - Eu perguntei a ele.

Por um momento, seu rosto brilhou, como se quisesse mudar de forma. Então ficou firme.

- Eu... não. Não posso, Will. - Ele se abraçou ainda mais forte. - É muito poderoso - ele sussurrou com tanto desejo na voz que quase me fez chorar, apesar de tudo.

Fiquei de pé, me perguntando por quanto tempo uma pessoa poderia continuar sofrendo tanto quanto eu naquele momento.

- Vamos. - eu disse as outras. - Não há mais nada que possamos fazer.

- Mas você não pode simplesmente... se afastar dele. - disse Hay Lin. - Você não pode simplesmente deixar isso com ele!

- Sim eu posso. - Eu disse.

E comecei a descer as escadas. Eu tinha feito o que era certo. E não foi suficiente. Eu estava no meio da escada quando ele me parou.

- Will! - Danny me chamou.

Fiz uma pausa, mas não me virei.

- Sim?

- Por favor, posso. - sua voz era fraca e hesitante. - Posso lhe dar uma coisa?

Quase imediatamente houve um alívio na dor em meu peito, como se o Coração já estivesse comigo novamente.

- Sim - Eu disse. - Você certamente pode.

Dado e aceitado. Nunca levado.

- Só... - ele continuou, timidamente. - Se eu fizer isso... você consertará meu CD player para mim?

Mesmo cansada como estava, isso me fez rir.

- Vou ver o que posso fazer - eu disse.

Isso não foi exatamente o fim, é claro. Ainda tínhamos que consertar a carroça e levar o pobre Sr. Cuddlefleece de volta para a Sra. Cuddlefleece. O tempo ainda estava péssimo. Todas nós pegamos resfriados. Mas enquanto nos preparávamos para deixar a cidade ouvimos um forte estrondo que não era de um trovão.

"*Eu tenho o poder, eu tenho os movimentos*", cantava a voz de JoeJoe, a um milhão de quilômetros de casa. "*Eu tenho a música, eu tenho os ritmos...*"

Eu ri. Lá em cima, no quarto da torre, aposto que Danny estava dançando. Eu esperava que ele estivesse sorrindo também.

- Bem, estou feliz que alguém esteja feliz. - disse Cornélia rabugenta.

- Não, se sente melhor? - Perguntei.

Sua carranca desapareceu. Um sorriso apareceu.

- Sim. - ela disse. - As coisas estão muito melhores agora. - Ela ergueu a mão casualmente e, na encosta queimada, as árvores ficaram verdes de repente novamente. Seu sorriso se alargou. - Agora, sim!

- Você está se sentindo bem agora. Will? - perguntou Taranee, ainda parecendo um pouco preocupado. - Por um momento lá em cima, quando você... quando você caiu daquele jeito...

- Eu me sinto bem. - eu disse. Muito mais do que bem, na verdade. Pensei por um momento e então descobri o motivo. Pode não ter sido o tipo de expressão normalmente usada na escola, mas combinava perfeitamente com o meu humor. - Vocês sabem como eu me sinto? - Perguntei às minhas amigas. - "*Sinto-me livre no coração.*"

⛈️⛈️⛈️

Nos salões abobadados do Templo de Kandrakar, o Oráculo sorriu para seus Guardiões.

- Mais uma lição aprendida - ele nos disse. - Outro desafio cumprido. Vocês estão crescendo, Guardiãs. Vocês estão crescendo.

- Eu estava pensando... - eu disse.

- Sim?

- Quando você nos mandar de volta... - eu disse - é possível trapacear um pouco?

- Trapacear. Guardiã?

- Bem, é que... não fomos capazes de criar gotas astrais antes de partirmos. - Eu expliquei. - Se ficarmos fora assim, por mais de um dia, sem contar a ninguém e sem nenhuma boa desculpa...

- Ah. Pais. Não há necessidade de lhes causar dor e preocupação. Muito bem então, Guardiã, vamos "*trapacear*". Tanto o tempo, como espaço, é fluido aqui.

E assim voltamos para o momento em que partimos. Mas não o suficiente para evitar que meu arganaz cometesse outro ataque de almofada. O tecido e o enchimento estavam espalhados por todo lado e, no meio de seu ninho novo e aconchegante, Dentinho estava deitado, dormindo profundamente.

- Pensei ter dito para você manter aquele bicho no seu quarto! - minha mãe disse quando encontrou a bagunça.

- Sim, mãe - eu suspirei. - Eu estou tentando.

No dia seguinte, encontrei Matt no corredor entre as aulas. Olhei para os meus sapatos, sentindo-me ainda mais constrangida do que o normal.

- Ei. - ele disse. - Você parece um pouco cansada hoje. Aquele arganaz mantém você acordada à noite?

- Às vezes. - eu murmurei. E então fiz um esforço sobre-humano para olhá-lo nos olhos.

- Como estão aqueles cachorrinhos? - Perguntei.

- Eles estão se metendo em tudo. - disse ele. Ele sorriu para mim. - Você ainda gostaria de vê-los?

- Sim - consegui dizer, corando.

Seu sorriso se alargou. Houve uma sensação em meu peito que não tinha nada a ver com o Coração de Kandrakar, e tudo a ver com o meu próprio coração acelerando.

- Legal, até mais. - Matt disse. Ele me deu uma espécie de meio aceno e foi embora.

- Sim vejo voce! - Eu disse enquanto ele ia embora.

Nas minhas costas, Irma começou uma espécie de canção:

- *Will tem um encontro!, Will tem um encontro!...*

Eu dei um soco simulado nela, dizendo para ela calar a boca. Mas de alguma forma, eu não conseguia parar de sorrir.

O encontro com Matt teria uma energia totalmente diferente!!!

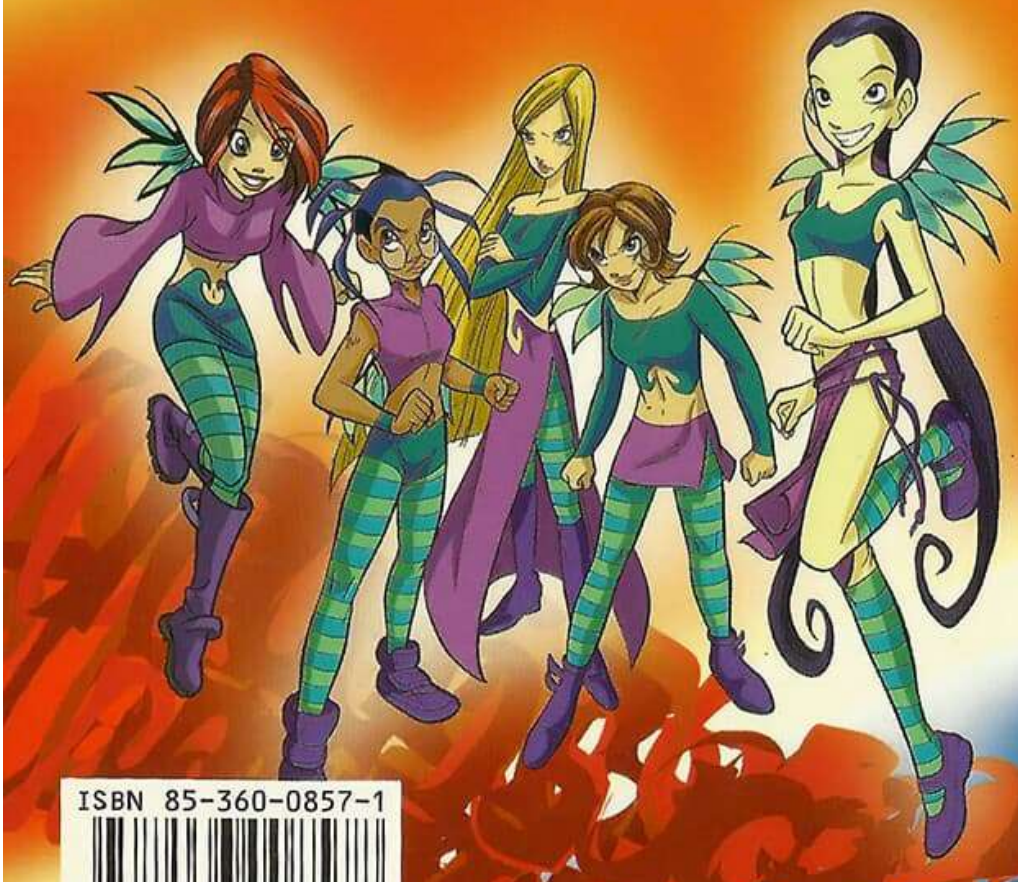
Créditos, Capa e contracapa:
http://winx-e-witch.blogspot.com/2015/07/capa-e-contracapa-da-colecao-de-livros.html

De repente, um clarão me cegou. Faíscas começaram a brilhar e a luz deu um pico ao nosso redor. Então, abruptamente, o trem parou, e todas as luzes se apagaram.

Ah não! — pensei, outro apagão de novo. Ou será que aquilo fazia parte da brincadeira? Não. Eu havia sentido o pico e a queda de luz, eu senti quando a corrente elétrica saltou... sobre Danny.

Com o susto, senti meu coração parar por um segundo.

Heatherfield está sofrendo com freqüentes apagões que estão afetando toda a população da cidade. Danny Nova, um menino estranho, cheio de energia e com olhos azuis eletrizantes, muda-se para o prédio de Will. Quem é ele e o que ele está querendo? Alguma coisa não está cheirando bem e Will precisa da ajuda de suas amigas WITCH.



ISBN 85-360-0857-1

9 788536 008578

edelbra